



Rfb
Editora



TERESA DE BENGUELA REALIZANDO SONHOS DE ESCRITORAS

MULHERES

em Versos e Prosas

SIRLEY ALVES SOBRINHO SILVA PINTO
KAIULÚ YAWALAPITI KAMAIURÁ
RUPAH MEHINAKU KAMAIURÁ
YAWITAH WAURÁ

SULA FERNANDA AKUKU KAMAIURÁ
MARÍLIA CONCEIÇÃO NOGUEIRA
AIANUKE WASITXUWALU
GABRIELLE CAVALCANTE TARGA

JOELIAS SILVA PINTO JUNIOR | SUETY LIBIA ALVES BORGES | LIRIAN KELI DOS SANTOS
(ORGS.)

**Mulheres em versos e prosas:
Teresa de Benguela realizando
sonhos de escritoras**



Todo o conteúdo apresentado neste livro é de responsabilidade do(s) autor(es).
Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-SemDerivações 4.0 Internacional.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Ednilson Sergio Ramalho de Souza - UFOPA
(Editor-Chefe)
Prof. Dr. Laecio Nobre de Macedo-UFMA
Prof. Dr. Aldrin Vianna de Santana-UNIFAP
Prof^a. Dr^a. Raquel Silvano Almeida-Unespar
Prof. Dr. Carlos Erick Brito de Sousa-UFMA
Prof^a. Dr^a. Ilka Kassandra Pereira Belfort-Faculdade Laboro
Prof^a. Dr. Renata Cristina Lopes Andrade-FURG
Prof. Dr. Elias Rocha Gonçalves-IFF
Prof. Dr. Clézio dos Santos-UFRRJ
Prof. Dr. Rodrigo Luiz Fabri-UFJF
Prof. Dr. Manoel dos Santos Costa-IEMA
Prof.^a Dr^a. Isabella Macário Ferro Cavalcanti-UFPE
Prof. Dr. Rodolfo Maduro Almeida-UFOPA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos-UEL
Prof.^a Dr^a. Maria de Fatima Vilhena da Silva-UFPA
Prof.^a Dr^a. Dayse Marinho Martins-IEMA
Prof. Dr. Daniel Tarciso Martins Pereira-UFAM
Prof.^a Dr^a. Elane da Silva Barbosa-UERN
Prof. Dr. Piter Anderson Severino de Jesus-Université Aix Marseille

Nossa missão é a difusão do conhecimento gerado no âmbito acadêmico por meio da organização e da publicação de livros científicos de fácil acesso, de baixo custo financeiro e de alta qualidade!

Nossa inspiração é acreditar que a ampla divulgação do conhecimento científico pode mudar para melhor o mundo em que vivemos!

Equipe RFB Editora

Joelias Silva Pinto Junior
Suety Libia
Lirian Keli dos Santos
Sirley Alves Sobrinho Silva Pinto
Kaiulú Yawalapiti Kamaiurá
Sula Fernanda Akuku Kamaiurá
Marília Conceição Nogueira
Aianuke Wasitxuwalu
Gabrielle Cavalcante Targa

Mulheres em versos e prosas: Teresa de Benguela realizando sonhos de escritoras

1ª Edição

Belém-PA
RFB Editora
2023

© 2023 Edição brasileira
by RFB Editora
© 2023 Texto
by Autor
Todos os direitos reservados

RFB Editora
CNPJ: 39.242.488/0001-07
www.rfbeditora.com
adm@rfbeditora.com
91 98885-7730

Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12, Nazaré, Belém-PA,
CEP 66035065

Editor-Chefe
Prof. Dr. Ednilson Souza
Diagramação
Worges Editoração
Revisão de texto
Organizadores

Arte da capa
Louise Logsdon
Luiz Davi Silva Vardasca
Bibliotecária
Janaina Karina Alves Trigo Ramos
Produtor editorial
Nazareno Da Luz

Catálogo na publicação
Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M956

Mulheres em versos e prosas: Teresa de Benguela realizando sonhos de escritoras /
Joelias Silva Pinto Junior, Suety Líbia, Lirian Keli dos Santos, et al. – Belém: RFB,
2023.

Outras autoras: Sirley Alves Sobrinho Silva Pinto, Kaiulú Yawalapiti
Kamaiurá, Sula Fernanda Akuku Kamaiurá, Marília Conceição Nogueira,
Aianuke Wasitxuwalu, Gabrielle Cavalcante Targa.

92 p., fotos.; 16 X 23 cm

ISBN 978-65-5889-614-2

DOI 10.46898/rfb.88bcc9aa-da86-4b08-ba4b-f944eb46acbf

1. Coletânea. 2. Poesia brasileira. 3. Prosa brasileira. I. Pinto Junior, Joelias Silva. II.
Líbia, Suety. III. Santos, Lirian Keli dos. IV. Título.

CDD 869.8

Índice para catálogo sistemático

I. Coletânea

AGRADECIMENTOS

A cada uma das mulheres autoras deste livro, que foram disruptivas com seus medos, culturas e barreiras sociais e se permitiram ser MULHERES ESCRITORAS!

À Pro-reitoria de Extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso, pela criação e apoio contínuo ao Programa de Extensão Teresa de Benguela, que possibilitou a execução do projeto coordenado pelo Prof. Joelias Silva Pinto Junior, que deu origem a este livro.

Ao Prof. Elson Santana de Almeida e à Engenheira Léa Paula Vanessa X. C. De Moraes que idealizaram, implantaram e geriram os primeiros anos do Programa Teresa de Benguela no IFMT.

À Prof^a. Suety Libia, que ministrou as oficinas de letramento sistêmico para a formação das nossas mulheres escritoras!

“Uma noite tão silenciosa, só escuto o som dos grilos, esses sons que vem da natureza, tão deliciosos, calmos e a alma sente-se livre, problemas se vão e a paz vem a mim”.

Yawitah

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
Suety Libia Joelias Silva Pinto Júnior	
CAPÍTULO 1	
A VIDA ENTRE CAUSOS E MUITOS RISOS	15
Sirley Alves Sobrinho Silva Pinto	
CAPÍTULO 2	
A MULHER INDÍGENA GUERREIRA DE TRÊS NAÇÕES: Yawalapiti, Kamaiurá, Trumai	39
Kaiulú Yawalapiti Kamaiurá	
CAPÍTULO 3	
VIDA NA ALDEIA: Cultura e Tradição a Partir do Olhar Feminino Kamaiurá.....	45
Sula Fernanda Akuku Kamaiurá	
CAPÍTULO 4	
MARÍLIA: DIÁRIO DE UMA MULHER MARANHENSE	55
Marília Conceição Nogueira	
CAPÍTULO 5	
HISTÓRIA DE VIDA E CULTURA DE AIANUKE WASI- TXUWALU	69
Aianuke Wasitxuwalu	
CAPÍTULO 6	
MINHA QUEDA EM ASCENSÃO	75
Gabrielle Cavalcante Targa	
ÍNDICE REMISSIVO.....	89
SOBRE O ORGANIZADOR E AS ORGANIZADORAS	90

APRESENTAÇÃO

Este é um livro diferente. Livre. Logo, não se prende tão somente aos padrões de escrita, tampouco aos gêneros textuais. Este livro está a serviço das histórias de vida, da genuína intelectualidade e poesia das autoras que realizam, com esta obra, um antigo sonho nutrido por suas almas: terem, juntas, o seu primeiro livro publicado.

Abra o seu coração, leia com os olhos que enxergam a beleza de se construir mulher, mulher escritora, de se fazer e de se refazer, repleta de força, de amor, de vontades, de sonhos...

Sonhos... O de ser escritora é um deles e moveu todas as autoras contempladas pelo formidável projeto “Teresa Escreve”, que deu origem a este livro. Coragem, força, perseverança, cada qual de um cantinho diferente do Brasil, porém, juntas, conectadas, umas mais, outras menos, devido à dificuldade de conexão em razão da baixa qualidade de sinal de internet quando uma estava na fazenda ou quando outras estavam em suas aldeias, no Xingú.

No IFMT, lidamos com a realidade do jeitinho que ela é, não nos intimidamos frente aos desafios. Fizemos das dificuldades mais uma revelação dos dados reais sobre a vida de mulheres indígenas no país que ainda sofrem os efeitos nefastos da colonialidade e, por consequência, da histórica desigualdade de direitos.

Sim. No livro, leitoras e leitores encontrarão uma produção textual maior, em quantidade, das escritoras não indígenas. Chegamos a pensar em várias formas para se fazer uma produção equânime, com uma produção igual em páginas entre todas, porém, esta não foi a realidade. Com coragem, assumimos aqui, com esta obra, que as diferenças existem e temos que tratá-las como são. Para as escritoras indígenas, além da dificuldade de conectividade para participarem de

todos os encontros de apoio às produções textuais, há ainda as barreiras culturais e do domínio da língua. Portanto, entendemos que elas não deveriam ser pressionadas a produzirem uma quantidade específica de páginas e nem comparadas ou mensuradas por este número. Os resultados, ainda que não fossem o que havíamos planejado, foram ainda melhores, porque foram REAIS! Retratarem histórias com todas suas especificidades.

Mulheres incríveis, grandes guerreiras e com um desejo enorme de participar das oficinas de letramento realizadas no período de agosto a dezembro de 2021. Foram inúmeras as vezes que tentaram se conectar, sem êxito, para entrar na sala de aula online. Um processo dolorido, especialmente para elas e, também, para nós, diante a impotência para uma eficaz solução.

Por isso, convidamos a cada leitora e a cada leitor, que leiam com os olhos que enxergam o mais, e não o menos... Foi um projeto que, apesar dos desafios, contemplou mais sonhos, despertou mais escritoras para a realização de publicação de seus textos.

O projeto foi desenvolvido e levado até o final, com força e coragem, não pela quantidade de textos e páginas, mas pela qualidade e inspiração de cada palavra pensada e escrita por cada uma das autoras, através delas, sistemas inteiros de ancestrais são honrados e homenageados através do sonho de cada uma em se tornarem escritoras, em terem um livro publicado.

Valeram todos os esforços que foram muitos. Nos empenhamos em garantir a participação de todas e, por isso, criamos um canal de comunicação, através de aplicativo de mensagem, específico para as autoras que não conseguiam sinal de internet suficiente para estar online nas aulas. E, assim, com oficinas online em tempo real e um bocado de orientação assíncrona via mensagem também, chegamos

até aqui, a este resultado que ao ler, nos inspira, brilha os olhos, aquece o coração, provoca o riso, a compaixão, a sororidade e até algumas lágrimas de emoção.

Em honra e admiração a todas as autoras, mantivemos aqui, nesta obra, suas respectivas produções que falam muito mais do que possam as suas palavras expressarem. Os textos passaram por revisão, foram organizados com muito amor para encher os olhos de vocês, leitoras e leitores. No entanto, quando as marcas de oralidade e ou de autoria, se faziam necessárias, optamos pelo respeito a fim de garantir a função maior da escrita, comunicar a mensagem trazida pelas autoras.

Vocês vão perceber, por exemplo, além do tom de diálogo, as risadas de Sirley e Marília em seus textos. Sim, parece que elas estão conversando conosco e nós sorrimos e expressamos nossas emoções juntos! Duas escritoras tão distantes... Mas, cheias de afinidades, com estilos de escrita similares, com os mesmos anseios de transformarem em textos suas histórias de vida, que nos divertem e nos ensinam. Sirley, com sua alegria incomparável, vivendo as comédias de sua vida em Inhumas, na região metropolitana da capital Goiana e Marília em uma outra metrópole, em Imperatriz, no interior do Maranhão, se superando a cada dia e nos demonstrando que na vida não há tempo para ficar lamentando, é preciso enfrentar nossos medos e conquistar o que almejamos!

E em meio a tantas mulheres experientes, temos uma de menos idade, a Gabrielle, de 17 anos, mas com muito para compartilhar! Gabrielle ou “Stormi, o Dragão da tempestade”. Por esta alcunha que seus leitores (sim, ela já escreve na internet e já tem leitores que a acompanha) a atribuem, uma dica do que ela tem para nos contar: um misto de ferocidade, com doçura, que reflete sobre as complexidades dos sentimentos e da realidade contemporânea.

Nos capítulos das nossas guerreiras indígenas (e não usamos guerreiras como um eufemismo, ao lerem os capítulos, irão entender), muito se compartilha, a começar pelo tipo de escrita que é marcado pela influência de suas línguas nativas. Fizemos questão de manter essas marcas, como respeito às suas culturas. Perceberão, por exemplo, frases mais curtas e objetivas, assim como capítulos com menor número de páginas. Mensagens mais curtas? Em números de caracteres, talvez, mas não menos impactantes!

Kaiulú e Sula, por exemplo, além de compartilharem algumas tradições de seus povos, falam dos desafios que enfrentaram para poder estudar e conquistar seus espaços em suas comunidades. E que orgulho das conquistas que atingiram! Kaiulú, a princesa de três nações (Yawalapiti, Kamaiurá e Truma), se tornou líder de uma assosiação feminista para o empoderamento das mulheres xinguanas. Sula estudou, observou e praticou muito, até conquistar seu posto de Agente de Saúde Indígena, para cuidar de seu povo.

Aianuke conta um pouco de sua vida, na aldeia, até se mudar para a cidade. Ela relata sobre como é o café da manhã de seu povo, mas também conta sobre quando decidiu estudar. Lá nos anos 80, sofreu preconceito por isso, das próprias mulheres, pois quem frequentava a escola eram homens e ela andava em meio a eles. Mas, ela não desistiu, estudou até formar-se Agente de Saúde Indígena e poder cuidar de seu povo.

Rupah e Yawitah tiveram problemas de conectividade e não puderam acompanhar o projeto, participaram apenas dos primeiros encontros, mas produziram, cada uma, seu primeiro texto. Foi um marco para elas e decidimos honrar seus esforços, compartilhando a breve história de Rupah sobre mudar-se da aldeia, e o relato de Yawitah sobre a “dança das mulheres”, uma festa típica das mulheres Xinguanas, chamada Yamurikuma.

Este livro não se encerra nele... Esperamos que seja a primeira edição, de muitas que venham por aí! Queremos dar oportunidade para que estas autoras que acabam de se formar aqui possam publicar conosco novamente, mas, mas também queremos expandir e alcançar muito mais mulheres, espalhadas por todo o país, anônimas como estas aqui foram um dia, porém, com certeza, vivas em seus sonhos e desejos, esperando, somente, pelas tão esperadas oportunidades e garantia de direitos.

Para o Programa Teresa de Benguela, TODA mulher importa e nós queremos auxiliar o máximo delas que pudermos! A sua leitura destas páginas é uma das formas de contribuir conosco para este objetivo e para o empoderamento de inspiradas escritoras. Então, parafraseando Marília, que em seu capítulo disse que “a escrita, assim como a leitura, nos faz viajar o mundo”, vamos viajar juntas e juntos nessa leitura?

Suety Líbia
Joelias Silva Pinto Júnior

CAPÍTULO 1

A VIDA ENTRE CAUSOS E MUITOS RISOS

Sirley Alves Sobrinho Silva Pinto



Meu nome é Sirley Alves Sobrinho Silva Pinto, tenho 54 anos, nasci em Santa Fé de Goiás, antigo Distrito de Jussara-GO que, na época, não era emancipado politicamente. Registrada como natural de Jussara-GO, mas moro em Inhumas, também Estado de Goiás, há 31 anos. Trabalho como Agente Comunitário de Saúde há 23 anos e sou verdadeiramente apaixonada pela minha profissão. Desde o início, atuando no Parque São Jorge e há 6 anos, também, na Vila Jandira. Sou de origem simples, filha de pais caipiras com muito orgulho. Sou Acadêmica em Gerontologia por gostar muito de trabalhar com idosos. Sou casada há 31 anos e tenho dois filhos maravilhosos.

Primeiros versos: oficinas de letramento “Teresa Escreve”

Venho aqui falar com vocês
Sobre esse projeto de um livro publicar
Fiquei tão feliz com essa possibilidade
Que já comecei a escrever e a sonhar

Esse projeto me fez ter esperanças
De alcançar algo até então, impossível
Depois de conversar com a Professora Suety
Percebi que com essas colegas, será incrível

Amei ter conhecido a Professora Suety
As colegas de lugares tão diferentes
Cada uma com sua realidade
Mas, com o mesmo ideal e vamos em frente

Todas são muito inteligentes
Tem garra e são batalhadoras
Agora quero ver nossas colegas escreverem
Pois são criativas e encantadoras.

Mariana e suas histórias

Mariana é uma garotinha, minha vizinha, filha única, mas criada de forma beem diferente dos filhos únicos. Sempre teve que se virar desde muito pequena. Quando tinha apenas dois aninhos, sua mãe dava peixe frito pra ela comer e tirar os espinhos sozinha.

Eu achava o máximo vê-la tirar os espinhos e comer igual gente grande. Com os pequis, foi a mesma coisa. Teve que aprender a driblar os espinhos se quisesse comer.

Por volta dos seis anos, ela já pegava salsicha ou ovos, fritava pra colocar no pão! Com fome não ficava.

A família da Mariana (pai e mãe) sempre foi de pessoas que fizeram parte da minha família, mesmo não sendo de sangue. Nós sempre fomos e ainda estamos nessa vida de almoçar ou jantar na casa uns dos outros. Vivemos pra lá e pra cá. Isso é maravilhoso!

Sempre gostei de hábitos de vida saudáveis e como meu trabalho é preventivo, saúde preventiva, então comprei uma panela que frita sem óleo. Eu, mega empolgada, mais que depressa quis fazer batatas fritas imaginando que ficariam iguais às dos vídeos que assistia na TV, em propagandas. Cortei as batatas tipo palito e coloquei pra fritar. Como a Mariana estava sempre presente, já fiz aquele barulho todo dizendo que ia ficar maravilhoso! Como sempre, eu fico o tempo todo enchendo a paciência dela. Nesse meio de tempo, os pais dela chegaram, ficamos todos na cozinha conversando, comendo e bebendo, até as batatas ficarem prontas.

Quando ficaram prontas, começamos a comer, comer e comer. Sempre tive o hábito de ficar abraçando a Mariana, beliscando o bumbum dela e, nesse momento que eu estava abraçada com ela e fui beliscar o bumbum (estava usando calça jeans), percebi que tinha um caroço no bolso da calça dela. Perguntei o que era e já fui enfiando a mão no bolso pra ver. Pasmem! Tinha um pedaço de batatas no bolso dela.

Perguntei: — “Uai! Por que você está guardando esse pedaço no bolso, Mariana?”.

Coitada! Ela toda sem jeito, respondeu:

— “Uai tia Sirley. É por quê tá duro”.

Quase morri de rir. Ela, com medo de me magoar, preferiu esconder e não quis comer mais. Até hoje falo pra ela que não é pra esconder mais. Sempre apalpo os bolsos dela pra ver se não está escondendo nada. E ela fala:

— “Ai tia Sirley, tô escondendo nada não”.

Quando ela estava na escola de ensino fundamental, sempre pedia ao pai para dar umas moedas pra comprar alguma coisa na hora do recreio, como por exemplo, balinhas, chicletes etc. Certo dia, do nada, pediu ao pai dois reais. O pai então questionou o porquê de dois reais, sendo que ela sempre pedia menor quantia. Ela respondeu que era pra comprar lanchinho.

Então, o pai dela deu e recomendou:

— “Olha, não vai gastar tudo de uma vez não, viu? Divide o dinheiro”.

Ela respondeu que sim e foi pra escola.

No seguinte, de novo pediu dinheiro e o pai indignado, falou:

— “Uai Mariana! Você já gastou tudo o de ontem? Ontem você me pediu dois reais e eu te dei. Falei que não era pra gastar tudo de uma vez. E agora você já quer mais?”.

Mariana respondeu:

— “Uai papai! Não gastei tudo de uma vez não! Gastei um real antes do recreio e um real depois do recreio”.

E assim é a realidade de uma criança. Morro de rir.

Outra história da Mariana que achei super comovente. Ela ainda bem pequena, mais ou menos uns quatro aninhos de idade, a professora da escolinha foi organizar os pares para ensaiar quadrilha junina e as meninas, exigentes, não queriam aceitar qualquer menino. A professora ia apontando pra elas e falando: — “fulana, você vai dançar com fulano. Beltrana, você com beltrano”. E assim foi até chegar a vez de um garotinho cadeirante. Todas as meninas recusaram a dançar com ele. Antes mesmo que chegasse a vez da Mariana, ela se

prontificou a dançar com ele. E disse que era muito triste olhar pra ele e pensar que ele poderia estar se sentindo triste porque nenhuma menina queria dançar com ele só porque ele era deficiente.

Nossa! Fiquei muuuuito orgulhosa dela ter tido essa iniciativa. Tão pequena, tão nova e tão sábia. Isso talvez seja pelo motivo dela ter dois tios especiais, um por parte de mãe e outro por parte de pai.

Como essa menina me faz sentir orgulhosa em tê-la nos meus laços de amizade. Na verdade, minha pequena/graaaande amiga.

Eu roubando?

Um dia, eu realizando meu trabalho de Agente de Saúde, fazendo visitas rotineiras de casa em casa, subindo a rua, parava numa casa, em outra e outra até fechar a quadra. Sempre gostei de trabalhar com um bom sorriso no rosto para tentar ser o mais agradável possível. Minhas companheiras inseparáveis de trabalho são minha velha bicicleta laranja e uma mochila pra levar o caderno ata, canetas, bloco de anotações etc. Chegando numa casa, onde a Senhora tem alguns problemas, inclusive mental, ela foi “soltando os cachorros” em mim, dizendo:

— “Oê pensa que eu num sei o que ocê leva aí dento dessa sua muchila? É minhas panela. Fulana (citou o nome da vizinha que prefiro não mencionar) me falô que toda vez que ocê vem aqui, ocê leva um pôco de panela minha. Ela falô que é pra mim ficá veiaca cocê sinão ocê vai sai daqui é de muchila cheia”.

E falou, falou, falou, e eu ali caladinha, escutando e olhando pra ela. As panelas dela não tinham como serem mais imundas, encardidas, grossas de gorduras pregadas. Imaginem se eu não sei roubar panelas novas, vou roubar panelas que, se fossem minhas, já teria jogado fora há muito tempo? Nunca! Me disse também que nas

casas das vizinhas, eu demoro muito tempo dentro das casas e na casa dela eu fico só um pouquinho. Depois que ela falou bastante, irada, babando de raiva de mim, eu, olhando nos olhos dela, disse:

– “Deixa eu perguntar uma coisa pra Senhora, eu posso continuar vindo aqui na casa da Senhora?”.

Ela mais que depressa, respondeu:

– “Pode. Você num teim veigonha na cara memo”.

Agradei e fui embora. Esperei tomar distância da casa dela e comecei a rir sem parar de mim mesma. No mês seguinte, voltei lá. Bati no portão e quando ela abriu, fui falando:

– “Nossa! Que saudade que eu estava da Senhora. Tudo bem?”.

Ela me abraçou, me chamou pra entrar e conversou, conversou como se fôssemos grandes amigas. Hoje em dia ela é um doce comigo. Vai entender?!

Pastéis para o papai

Papai sempre gostou muito de pastel. Comia pra caramba!

Um dia, minha filha fez lá na casa deles, ele comeu bastante e, depois, era só elogios. Sempre que surgia oportunidade ele elogiava. Apesar de não poder comer frituras e nem comidas gordurosas porque já tinha tido câncer no estômago, ele comia contrariando todos e, na maioria das vezes, não passava mal.

Sempre que ele saía pelas ruas de Faina (onde morou seu resto de vida), comprava milho verde (tinha que ser um balaio de milho ou mais) pra fazer pamonhas. Mamãe não



querendo fazer sozinha porque dá muito trabalho, sempre chamou as vizinhas pra ajudarem e logo ficavam prontas. Ela repartia com a vizinhança. Era só alegria!

Certa vez, ele foi no supermercado, comprou massa de fazer pastel, passou na casa da Célia (minha irmã mais velha) que nunca teve muita afinidade com as panelas, deixou com ela e foi saindo. Ela sem entender, perguntou: — “Pra que isso?”. Ele disse que era pra ela fazer pastel pra eles. Minha irmã ficou olhando para a sacola na mão e pra ele e disse: — “Papai, isso aqui não é massa de pastel não. É geleia”.

Ele já meio alterado, falou:

— “Pode deixar. Você não sabe fazer pastel. Ana Paula que é boa pra fazer. O pastel dela que é gostoso”.

Deixou a geleia com minha irmã e foi embora pisando duro. Minha irmã, então, foi ao supermercado e comprou uma massa e fez pra ele. Comeu pra caramba e depois ficou colocando defeitos. Sempre do mesmo jeito. Nunca mudou.

Minha mãe é uma peça

Toda vez que a mamãe faz cirurgia, sou eu que cuido dela na minha casa.

Hoje ela está na minha casa recuperando de cirurgia. Colocou prótese no joelho esquerdo dia três de setembro e no dia doze de novembro no joelho direito (ano de 2021). Dois meses e nove dias de uma cirurgia pra outra. Nós brincamos muito. Eu apronto



bastante com ela. Há momentos que ela fica brava comigo, outros ela me ignora e, em outros, se diverte junto.

Tem uns três dias que venho falando pra ela tirar as dentaduras e colocar na água com água sanitária pra passar a noite higienizando e ela me repete a mesma coisa toda vez: “na hora de ir deitar, eu ponho”. E nada.

Passado um tempo, tornei a falar e ela repetiu a mesma coisa: — “na hora de deitar eu ponho. Já falei!”.

E ficou me enrolando, enrolando, sendo que todos os dias ela vai deitar por volta das 19h e hoje, excepcionalmente, ficou assistindo TV com sono, esperando que eu fosse deitar primeiro pra ela tirar as dentaduras e eu não ver.

Vencida pelo sono, cedeu. Foi colocar as bichinhas de molho. Levantou e foi para o banheiro. O potinho já estava arrumado com a água sanitária. Ela me olhou, escovou bem e me falou: — “eu sei colocar. Pode ir estudar”. Virei as costas pra ela e saí de fininho. Ela foi para o quarto com uma mão no andador e a outra na boca, bochechas fundas, boca murcha, olhei pra ela, estava escondendo o rosto, eu fazendo de conta que não estava vendo, se deitou, pedi a bênção, a cobri, abaixei para dar um beijo nela e falei baixinho: — “minha banguelinha preferida”. Ela levantou as mãos pra me bater e eu saí correndo e morrendo de rir.

Situações inusitadas nas visitas...

Meu trabalho é visitar e orientar preventivamente minha comunidade no Parque São Jorge e Vila Jandira, Inhumas-GO. Amo o que faço com a mesma intensidade do início, há vinte e três anos. Sinto muito prazer no que faço



e o retorno emocional que recebo dos meus cadastrados¹ é imenso, é gratificante.

Já vivi muitas situações interessantes, apreensivas, difíceis e preocupantes. Visito as residências, os pontos de comércio, as “bocas de fumo”, prostíbulo, e todos, todos, sem exceção, da mesma forma. Ninguém é melhor que ninguém. Então, aqui começo alguns relatos sem falar nomes pra não comprometer a mim e a ninguém.

Sempre gostei muito de brincar com as pessoas, contar piadas pra algumas pessoas e sou, por vezes, muito escandalosa. Tenho uma amiga que trabalha como gari varrendo as ruas, cuidando da limpeza do nosso município. Pensa numa pessoa muito mais escandalosa que eu? Sempre passo por ela nas ruas tirando um fino de bicicleta, dou um grito e corro porque senão ganho uma vassourada na cabeça. Meus filhos fazem a mesma coisa quando a veem também. E ela sempre xinga: “ôôôô capeta, cão!”. E quase morremos de rir.

Uma vez, morreu de acidente uma mulher, minha cadastrada, que era super discreta. Vivía na sua casa, só saía se realmente precisasse. Tinha poucas amizades e falava pouco. O velório foi na casa dela. Fui lá marcar presença, por ter enorme consideração por todos. Chegando lá, pouquíssimas pessoas além dos familiares. Sala quase vazia. Entrei, cumprimentei os familiares, encostei numa parede da sala e fiquei ali, só observando, e demonstrando que se precisassem de algo, poderiam contar comigo.

De repente, entra essa minha amiga escandalosa e vai logo falando alto comigo: “O que você está fazendo aqui, treim?”. Eu, toda sem jeito, levei meu dedo até minha boca e fazendo o sinal de silêncio, fiz: “psiiiu”! E ela continuou falando alto: “O que é que foi? Você não é comportada assim? Por que você está aí fazendo de conta que tem

¹ Os cadastrados são todas as pessoas assistidas por meu trabalho de Agente de Saúde, aos quais faço visitas regularmente.

educação?”. Mais uma vez, tentei fazer com que ela se comportasse, afinal de contas, estávamos num ambiente nada alegre. Pedi a ela que falasse baixo e ela: “Falar baixo? Pra quê? Te conheço danada”. Meu Deus! Tive que sair. Quando já estava na rua, ela me gritou: “Ou! Me espera aí!”. Esperei. Aproximou e disse: “Onde cê vai?”. Rindo horrores, respondi: “ Vou trabalhar, por quê? Ela: “Nossa! Acho engraçado você querer dar uma de educada. Num é assim que ocê me trata quando tá na rua”. E começou a falar do velório. Rimos demaaaaais daquela presepada dela, ou melhor, nossa.

Antes da pandemia do Coronavírus, todos os meus cadastrados ou ente queridos deles que morriam, eu ia nos velórios prestar minhas condolências e ficar ali um pouquinho para marcar presença. Então, certa vez, faleceu um Senhor que já estava acamado há algum tempo. Ele era o terceiro marido daquela mulher de mais de setenta anos. Os anteriores também tinham morrido.

No velório, a viúva ao lado do caixão, lamentando sutilmente a perda do marido com mãos em cima do defunto, de repente um homem se aproxima dela, começa a passar a mão dele sobre as mãos dela com a intenção de acalmá-la e falando: “Calma. Não fique assim, não. Logo as coisas se ajeitam”. Passados sete dias, ele passou a morar com ela. Pasmem! Kkkkkkkkkkkkkkk. Ajeitou mesmo. Essa mesma mulher, um dia me abordou enquanto eu passava na sua porta e perguntou falando baixinho:

— “Sirley! Por acaso aí na sua mochila não tem camisinha não? Eu tô precisando”.

Como sempre carrego, peguei todas que tinha e dei pra ela. Ela me agradeceu e seguiu minha rotina habitual. Dias depois, eu passando pela rua, ela de novo me abordou e falando mais baixo ainda, disse olhando pra um lado e outro da rua, aproximando do meu ouvido:

— “Você não tem umas camisinha mais grande não? É porque aquelas ficô pequena”.

Eu, gentilmente, sem demonstrar vontade de morrer de rir, respondi:

— “Não. Infelizmente, elas vêm padronizadas em tamanho único”.

E ela acrescentou: — “Mas num é pra mim não. É pra minha neta, viu?”.

Sei. Pra minha neta. Saí de lá quase enfartando de tanta vontade de rir. Esse meu trabalho me prega cada peça! Adoooooro! Mas, também tem as situações completamente embaraçosas e difíceis.

Certa vez, fui visitar um lugar onde tem um corredor ao lado de uma casa com vários barracões e moradores nos fundos. Todos inquilinos. A moradora que era meu foco de visita, estava recém parida, com bebê baixo peso e alguns problemas respiratórios.

Chegando lá, pude perceber que a moradora (recém parida) estava com visita (uma mulher com aparência e comportamento muito estranho). A moradora, andando pra lá e pra cá como se não tivesse feito parto cesariana, conversava com a visita que estava com o bebê no colo e fumando sem parar, jogando fumaça pra cima e eu com dor no coração de ver aquela cena. O bebê magrinho, enjoadinho, chorando, respirando toda aquela fumaça, não contive e precisei falar com muito jeito com ela:

— “Moça, esse bebê está com problemas de saúde e se ele ficar respirando essa fumaça pode piorar ainda mais. Deixa pra você fumar depois, né? Pode ser?”.

Ela levantou, pegou o bebê com uma cara de quem não gostou, colocou ele num sofá velho e seboso, me olhou nos olhos com a testa

franzida de raiva, levantou a blusa mostrando na barriga um corte enorme todo cheio de pontos. Estava vermelho e com aparência de infeccionado. Jogou o cigarro no chão e me falou:

— “Mais hoje eu tô com uma vontade de matar um. Não é à toa que eu tô assim”.

Disse apontando para os pontos na barriga. Fiquei sem cor, trêmula, parecia ter engolido uma pedra de gelo. Pedi desculpas, agradeci e saí de fininho. Tempos depois, fiquei sabendo que ela tinha sido presa por tráfico de drogas, brigando numa “boca de fumo”. Ufa! Escapei!

Outra situação, nesse mesmo barracão, anos mais tarde, foi até engraçada. Sempre que chego nas residências, nunca entro sem chamar pelo nome da pessoa e ela responder. Então, nesse dia chamei, chamei, chamei e só ouvi gritos da mulher brigando com um cachorro. Como não respondia e eu já conhecia o cachorrinho dela, sabia que ele não mordia, resolvi ir entrando devagar e chamando pelo nome dela. Chamei, chamei, chamei e quando me aproximei do portãozinho dela que estava aberto, o cachorrinho veio correndo para o meu lado e ela jogou um balde de água nele que automaticamente pegou em mim. A água estava pura água sanitária. Manchou todo o meu uniforme. O cachorrinho coitado, tentava de todas as formas escapar da “taca”. Peguei ele no colo. O bichinho tremia, coração acelerado e rabinho entre as pernas. Conversei com ele, fiz um carinho e depois foi a vez da mulher. Conversando com ela, descobri que tudo era por causa de um chinelo que ele comeu, literalmente, a correia. Daí, conversamos e eu pedi para ela não deixar fácil, ao alcance, pois todos os filhotes normalmente são assim.

Em outro barracão com o mesmo estilo (vários barracões no mesmo lote), corredor na lateral, com entradas de portãozinho indivi-

dualizadas, mais conhecido como “BARRACÕES DO SR. FULANO DE TAL” (prefiro não falar o nome do proprietário), chamei, chamei e chamei. Como esse último barracão fica lá nos fundos e, às vezes, não dá pra ouvir, cheguei mais perto, quando comecei a ouvir conversas calorosas que vinham lá de dentro. Na verdade, não estavam conversando. Estavam brigando. Recuei. Fui visitar os outros moradores dos barracões ao lado e percebi que os ânimos acalmaram. Fiquei um determinado tempo em cada barracão (eram quatro), e, como estava em silêncio, resolvi chamar já que eu precisava avisar da campanha de vacinação canina. Então, me aproximei novamente do último barracão e, nesse exato momento, o homem saiu para o quintal e veio uma panela voando na nossa direção. No susto, mesmo sem entender o que estava acontecendo, abaixei rapidamente, a panela passou e bateu no muro, espalhando arroz cozido por todo lado. Na verdade, os ânimos não tinham acalmado, só tinham dado uma pausa. Engatei uma marcha ré e saí cantando pneus. kkkkkkkkkkkkkkk. Só voltei dias depois. Nesses barracões, a maioria dos inquilinos são nordestinos que vem em busca de trabalho. Pessoal de vida sofrida. Deixam seus familiares pra traz e muitas vezes a tristeza e a saudade os levam rumo à bebedeira. Daí o resultado, geralmente, é confusão.

Desafio

Sempre que vou passear em lugares onde não tem crianças ou cachorros, fico sem lugar, porque tenho que comportar igual gente grande e eu não gosto disso. Gosto de me sentir à vontade, correr feito menina, sentar em qualquer lugar, brincar, suar, enfim, poder ser simplesmente EU.

Então, fomos passear na casa do meu filho Joelias, em Barra do Garças.

Lá, durante o dia, piscina, comilança, músicas, conversa etc. Passo muito bem sem reclamar. Quando chega à noite, todos cansados, quietos, todos com seus celulares e assuntos de gente grande, fico procurando o que fazer. Chamei Ana Paula, minha filha, para fazermos alguma coisa que ocupasse meu tempo e ela foi bem criativa. Fez o seguinte:

1- Escreva um texto na primeira pessoa como se você fosse um cheiro. E eu fiz:

“Às vezes sou doce, outras vezes cítrica, seja qual for o aroma, estou sempre presente em ocasiões especiais.

Gosto de chegar e marcar presença. Muitas pessoas percebem minha presença de longe, porque sou forte e deixo rastro por onde passo.

Tem pessoas que nunca me esquecem pelo fato de eu ser tão forte e marcante.

O importante é saber que sou sempre bem-vindo e agradável ao olfato”.

2- Escreva um texto com 100 palavras usando esses vocabulários: INOVAÇÃO, BOI, VIOLÊNCIA, ESQUARTEJAR, ELEIÇÃO, CEMITÉRIO, FELICIDADE, SENTIMENTALISMO, ARREIO, JANELA, CORRUPÇÃO E CHINELO, totalizando 120 palavras.

“Neste país violento no qual vivemos, parece ter mais corrupção do que tudo. De quatro em quatro anos, eleição onde nossos candidatos tentam nos convencer de todas as formas possíveis, desde o sentimentalismo, prometendo inovação. Mas, muitas vezes o resultado é triste e em alguns casos geram até violência, onde a rivalidade impera gerando até morte, onde sobra até para o cemitério. Como sou uma pessoa simples e da roça, gosto mesmo é de usar

chinelo, observar os bichos pela janela, pegar o arreio, colocar no cavalo para buscar o gado, mas o boi sempre atravessa na frente e fica atrapalhando. E pra felicidade ser completa, gosto de limpar um porquinho gordo, esquartejar, picar, fazer um bom torresmo acompanhado de uma cerveja estupidamente gelada”.

Cachorra da Mercedes

Quando morei em Professor Jamil Sáfady, eu tinha uns compadres que eram umas “figuras”. Me divertia muito com eles. A comadre era muito de reclamar o tempo todo e de tudo, mas muuuito caprichosa como costureira, com crochês que eram perfeitos e era extremamente asseada. O compadre, pessoa melhor não tinha. Sempre alegrinho, tudo estava bom, e dificilmente reclamava de alguma coisa. Eles eram muito humildes, pessoas simples, duas filhas já ficando moças e a casa muito pequena. Tinha apenas dois quartos e a parede não ia até o teto. Em cima, era aberto e qualquer barulhinho dava pra ouvir nos cômodos vizinhos. O quintal era todo cercado só com arame. Não tinham muros, aliás, poucas casas na cidade tinham muros, com isso, os animais dos vizinhos circulavam livremente por todo lado. Entravam nos quintais que queriam.

Tinha uma mulher, na cidade, com nome de Mercedes, que tinha uma cachorra e minha comadre não gostava dela de jeito nenhum, por sempre entrar no seu quintal e ficar cavando buracos. Daí, era aquela falação mesmo sabendo que não adiantava nada ficar enchendo a cabeça do marido com problemas da cachorra da vizinha. Quando eles iam ter o momento de intimidade, esperavam as filhas dormirem. Um dia, eles estavam lá tentando o momento de intimidade e fizeram barulho. Uma das filhas ouviu e disse:

– “Mamãe! Mamãe! Que barulho é esse?”

E ela respondeu:

– “É a cachorra da Mercedes! Passa! Passa! Sai tiu!

kkkkkkkk Quase morri de rir.

Um casal “perfeito”

Nas minhas visitas como Agente Comunitário de Saúde, sempre observei o comportamento das pessoas, as partes expostas dos corpos pra ver se não tem hematomas que possam indicar violência etc. Todos os dias quando saio da minha casa, passo cumprimentando as pessoas do bairro, pois conheço todos. Tinha um casal com mais de setenta anos de idade que sempre os admirei pela convivência exemplar, pela educação com a qual me tratavam, com a convivência dos dois que sempre estavam ali conversando alegremente, contavam casos e sorriamos uns dos outros.

Um belo dia, o Sr. tomou o café da manhã, montou em sua Mobilete e desceu a rua. Logo numa das próximas esquinas abaixo, ele caiu e morreu. Infarto fulminante. Fiquei super abalada e já pensando no sofrimento da esposa. Depois de preparado, o corpo foi levado para ser velado na casa deles. A viúva estava como se nada estivesse acontecendo. Circulava pela casa, entre as pessoas, conversando com um e outro e não chorava. Fiquei imaginando que quando sua “ficha caísse”, sofreria demais. Aferi a pressão dela e estava bem alterada: 180 x 111. Tinham onze filhos. Todos casados e presentes. Resolveram levar a mãe no hospital para tomar uma medicação para baixar a pressão. Claro, pensamos que fosse o emocional falando mais alto.

Levaram, foi medicada e voltou para o velório. E assim o tempo passou até o sepultamento. Ela sem derramar uma lágrima sequer. Eu super preocupada com ela. No dia seguinte, fui visitá-la e

estava do mesmo jeito. Três dias depois do mesmo jeito. Então, resolvi perguntar:

— “A Senhora está bem? Percebi que desde o velório a Senhora está tão tranquila que estou achando que a ficha da Senhora ainda não caiu que, de agora em diante, a Senhora não terá mais o companheiro de mais de cinquenta anos de convivência. Estou preocupada com a Senhora”.

E ela me respondeu: — “Preocupada por quê? Eu tô bem sim”.

Eu: — “Não, é porque tem gente que só cai na real alguns dias depois e daí é que vem o sofrimento”.

Ao que ela desabafou:

— “Sofrimento? Sofrimento por quê? Eu tô é livre. Aquele escomungado me fez sofrer a vida toda. Quando nós era mais novo e morava na roça, ele ia pra cidade ficar com muiezada, bebia até ficar bebo, voltava de madrugada, me batia e queria bater nos meus filhos também. Eu tinha que sair correndo pro pasto e dormir por lá com as crianças até amanhecer. E muitas vezes debaixo de chuva e só voltava pra casa com os meninos, no dia seguinte depois que ele sarava da pinga. Eu que sei o quanto já sofri. Agora eu quero é me divertir, viajar, passear, conhecer os lugares. Estou livre. De hoje em diante, eu não tenho ninguém pra dar satisfação. Eu saio na hora que eu quiser”.

E foi falando, falando, falando e falando tanta coisa que eu fiquei chocada. Cadê aquela união que eu pensava que eles tinham? Meu Deus!!! Entendi que não devemos nunca julgar pela aparência.

Dinheiro amarrado

Certa vez, minha irmã Sílvia achou a metade de uma nota de R\$ 50,00 (cinquenta reais) na rua e levou lá pra casa. Amarramos numa

linha de anzol transparente, bem comprida, jogamos no meio da rua, nos escondemos atrás do portão e ficamos olhando no vãozinho entre o muro e o portão, para ver quando viesse alguém. Deixamos lá e as mãos firmes na linha, olhos fixos na rua e segurando a respiração para não rir. Lá vinham uns moleques. Tensão. Eles se aproximando, nós aguardando a hora certa para puxar a linha. Quando eles viram a nota (dobramos ela de modo que não dava pra ver a linha amarrada e nem a beirada rasgada) e iam abaixar para pegar, puxamos rapidamente. Saímos morrendo de rir pra ver as caras deles. Eles sem graça, seguiram caminho.

Ficamos esperando a próxima vítima. Veio um Senhor de idade mais avançada, dono de uma “boca de fumo” próxima à minha casa. Ele era encrenqueiro e não combinava com quase ninguém. Ficamos meio apreensivas, mas entrou na chuva é pra se molhar. Quando ele iria abaixar pra pegar o dinheiro, puxamos rápido e começamos a rir. Ele saiu “catando cavaco” em direção ao dinheiro, ficou furioso e começou a bradar conosco. Disse: “que brincadeira sem graça. Vocês não têm o que fazer não?” Fomos pra dentro e acabou a brincadeira. Ficamos com medo kkkkkk.

Josí

Eu sempre ia à casa dos meus pais na fazenda. Lá, tinha um boteco que vendia, além do básico, gás, cachaça, fumo, algumas ferramentas, e tinha também uma mesa de sinuca para entreter os vizinhos que sempre iam jogar e beber umas no fim do dia. Josí era uma vizinha bem sistemática. Seu marido, o Sr. Zim, até hoje gosta de beber umas “cagibrinas”, como ele mesmo diz. Ele é muuuuito engraçado e agradável. Sr. Zim, neste dia, não tinha ido. Josí ficou na cozinha conversando com a mamãe. Eu ali, torrando a paciência dela, e a mamãe morrendo de medo de eu ofendê-la com minhas

loucuras. Elas saíram para o quintal, mamãe mostrando uma coisa e outra, enquanto peguei uma capanga e coloquei uns agrados pra ela: um vidro de detergente (lá era um presentão), um saquinho de pipoca daquelas doce, com embalagem vermelha, algumas balinhas e pedaços de tições² enrolados nuns trapos pretos e encardidos que a mamãe usava pra limpar o fogão caipira, uns pedaços de tijolos, cacos de telhas etc. Arrumei essas coisas no fundo e coloquei os agrados por cima bem arrumadinho e entreguei a ela na hora que se despediu pra ir embora.

Tempos depois, voltei na casa da mamãe e vi a Josí novamente. Ela “soltou os cachorros” em mim:

– “Aquele dia, você me fez carregar aquele peso, tenho bursite, meu braço dói demais. Cheguei lá em casa quase não aguentando de tanta dor. Quando olhei dentro da capanga e vi aqueles pesos desnecessários, mas me deu uma raiva danada”.

E foi falando, falando, falando e eu ali só escutando e morrendo de rir. Por fim, falei pra ela:

– “Você é uma ingrata, Josí. Eu estava te ajudando. Quando as pessoas fazem fisioterapia, não forçam? Então, era pra te ajudar a fortalecer o braço”. Virou só risada, não teve jeito. Seu Zim achou o máximo, ria até chorar.

Carubina...

Quando eu era ainda menina, morava na Avenida Dr. Deusdeth Ferreira de Moura, cidade de Goiás. Os vizinhos? Nossa! Que vizinhança boa! Mas tinham alguns que eu ia mais na casa deles por ter crianças, que eu tanto amo. Tinha um barracão, ao lado da minha casa, à venda. O Sr. Lino comprou. Ele só usava sabonete

² Um tição é um pedaço de madeira que foi utilizado como lenha, geralmente em um fogão a lenha e ficou parcialmente queimado.

Phebo, daquele preto, com aquele cheiro que era inconfundível. Logo em seguida, mudou pra lá com sua esposa Laurita, grávida já no finalzinho da gestação. Poucos dias depois, chegou o Lindomar. Menino forte, graúdo, gordinho, bochechudo, cabelos pretinhos, olhos de jabuticabas maduras, olhar esperto. Me apeguei muito a ele. Brincava pra lá e pra cá o tempo todo com ele. Eu amava e a mãe dele também, porque assim ela tinha mais tempo para o seu trabalho que era costurar o dia todo.

Lindomar tinha um jipe daqueles próprios para criança. Ele entrava no jipe e eu o empurrava na rua asfaltada e calma, com pouquíssimos carros na época, pra cima e pra baixo, até ele ficar cansado de pedalar. Eu morria de vontade de entrar no jipe e pedalar também, mas Laurita estava sempre atenta, talvez já por imaginar que se descuidasse de mim, com certeza eu iria entrar. Ele amava ir pra minha casa que era ao lado e nem muro tinha.

Nessa época, papai comprava caixas cheias de refrigerante (Guaraná Taí, Fanta, Coca-cola). Nooooossa! Era um luxo só! E na hora de comer, cada um pegava uma garrafinha para beber no bico, se não, não tinha graça tomar refrigerante no copo. Quando estava acabando, começávamos a regrar e dividir o conteúdo do copo pra dois, só que ninguém queria o refrigerante do copo e normalmente dava discussões. Lindomar sempre queria tomar coca, só que, como ele tinha bronquite, sua mãe não deixava. Um dia mamãe estava conosco e ele começou a pedir que queria coca. Mamãe falou pra ele que estava gelada e ia fazer mal. Ele muito esperto falou pra mamãe: “Não tia Geraci, eu não vou contar pra mamãe não. Dá só um pouquinho”. O coração da mamãe amoleceu e ela deu um pouquinho pra ele com a garantia que não contasse. Terminou de tomar e saiu correndo pra casa dele ao lado da minha e gritando para a mãe dele: “Mamãããã! Num Bebi Coca gelada nãããã!” Nem preciso falar nada, né? A bronca era certa.

Passou pouco tempo, veio a irmãzinha Liani. Daí eu tinha duas crianças para brincar. A festa se tornou maior. Era muito amor envolvido. Quando adoeciam e precisava internar, Laurita ficava com um e eu com o outro. Íamos revezando entre ficar no hospital e em casa. Quando Lindomar começou a estudar, ele foi para o Jardim da Infância. No ano seguinte, Liani também foi. Daí eu ia na padaria comprar algo pra levar nas lancheiras deles. Eles iam tão bonitinhos para o Jardim, que eu ia toda empolgada. Eram jardineirinhas azuis escuras, camisetas brancas, sapatos pretos e meias brancas. No peito, bordado de branco JI de Jardim da Infância. Liani tinha os cabelos pretinhos e cacheados e igualmente o irmão nas demais características. Daí eram os dois para eu empurrar no jipe. Eu ia revezando: ora um, ora outro para não brigarem. Nos intervalos das corridas de jipe, Sr. Lino fazia pipocas pra nós e colocava numa assadeira de bolos que era grande. Enchia a assadeira de pipocas, colocava sal por cima e íamos sentar no chão pra comermos. Eu no meio e os meninos, um de cada lado. Como eu amava aqueles meninos! Quando Lindomar saiu do Jardim, era hora de ir para o “Grupo” (escola de ensino fundamental ou primário), e Sr. Lino fez questão de colocá-lo no Colégio Santana. Esse Colégio era particular, renomado e praticamente da elite. Era um colégio de freiras. Pouquíssimos alunos de baixa renda. Quem estudava lá era respeitado, porque além de ser de família abastada, também tinha que ser inteligente pra dar conta dos estudos. Era muuuuuuito conteúdo. Além do uniforme diferenciado, o material era de primeira: cadernos de capa dura encapados, margeados, etiquetados e com nomes, mochila, lancheira, enfim, tudo muito bem apresentável. Meu Deus! Era muito pra minha cabeça. Eu sempre levava e buscava ele com o maior orgulho por pensar que eu estaria buscando no “Colégio Santana”. Durou pouco, porque o Sr. Lino faleceu de infarto fulminante e a Laurita não pôde bancar sozinha

toda a despesa. Então, daí sim, foi para o “Grupo”. Sempre que dava eu ajudava com tarefas também.

Sr. Lino era brincalhão, agradável e muito cuidadoso com os meninos. Ele só me chamava de “Carubina”. Um dia perguntei pra ele o que significava “Carubina” e ele me disse: “é uma pessoa meio abobada igual você mesmo”. E assim, nosso dia passava. Um dia, eu estava enchendo demais a paciência dele e ele me mandou ir “pentear macaco”. Daí eu falei pra ele: “então abaixa aqui Sr. Lino”. E nós rimos pra caramba.

Do vitrô do meu quarto, dava pra vê-los nos fundos da casa deles, já que não tínhamos muro. Todo dia eu ficava espionando eles, procurando algum deslize pra eu “encher o saco” deles. Ele sempre levantava cedo, saía com a rabinha na mão pra pegar água na torneira, no quintal. Não tinha pia e nem tanque dentro de casa. A rabinha numa mão para pegar água pra fazer o café e, de repente, enfiou a outra mão no bolso da calça e tirou o par de dentadura e enxaguou ali junto com a rabinha. Ri demais sozinha, mas me contive e não falei nada.

Tempos depois, mamãe estava conosco, ele fez um frango caipira para o almoço deles e foi levar um pouco pra nós todo empolgado e entregou pra mamãe. Mamãe ficou feliz, agradeceu, conversaram um pouco e fomos almoçar. Minha mãe gosta muito do pedaço chamado “Sobrecu” porque ele tem um rabinho com carne muito saborosa. Minha mãe colocou o “sobrecu” no prato dela e quando levou o garfo pra tirar um pedaço, o “furico” do frango estava todo lá. Mamãe toda sistemática, jogou o pedaço fora depois de ter mostrado pra nós. Ela falou que não era pra tocar nesse assunto. Eu, como sempre discretíssima, lógico, falei. Esperei um dia que ele estava me fazendo raiva e falei: “eu não sabia que o Sr. não tirava o “furico” do frango. Por quê? É mais gostoso? E ele gaguejava, gaguejava e não

saia nada. Falou: “Você tá é inventando moda”, sua poicaiona”. Como eu ri.

CAPÍTULO 2

A MULHER INDÍGENA GUERREIRA DE TRÊS NAÇÕES

Yawalapiti, Kamaiurá, Trumai

Kaiulú Yawalapiti Kamaiurá



Comecei a escrever há 12 anos para despertar, nas mulheres, o espírito revolucionário, para o momento de encarar os desafios, enfrentar opiniões contrárias e não desanimarem com o que ouvirem. Com sensatez, respeito à tradição, seguimos sonhando, desejamos coisas boas para a vida. Mulheres indígenas também têm o direito de desfrutar de coisas boas da vida!

Vou contar, então, minha história. Eu me chamo Kaiulú Yawalapiti Kamaiurá. Sou a primeira filha do Ianuculá Rodarte e Katuapó Yawalapiti. Sou neta de Kanato Yawalapiti e Kuiaiú Kamaiurá. Sou neta de grande Pajé Sapain Kamaiurá e Kaiulú Trumai.

Sou casada, tenho 06 filhos. Tenho 42 anos, nasci em 06 de janeiro de 1979, na aldeia Yawalapiti, Território Xingu.

Desde que nasci já era guerreira, porque nasci prematura, com 07 meses, para revolucionar o gênero feminino indígena. Com DNA de três nações diferentes Yawalapiti, Kamaiurá, Trumai, por isso, sou a princesa de três nações diferentes Yawalapiti, Kamaiurá, Trumai. Sou DNA de Líderes dessas três nações.

Por meio da Associação Yamurikumã, mostrei que nós, mulheres xinguanas, podemos desempenhar os mesmos papéis que os homens fazem. É claro, com muito mais dificuldade, pois nós estamos começando agora. Apesar de toda dificuldade enfrentada, nós conquistamos o nosso protagonismo e visibilidade por toda região do Xingu. Finalmente, a nossa força foi reconhecida pelas pessoas. Essas conquistas não foram dadas sem luta, tive que enfrentar e romper com a tradição. A Associação está quebrando o paradigma de que mulheres não sabem de nada, que somos incapazes, fracas.

A Associação Yamurikumã é uma organização de mulheres do Território Indígena do Xingu, criada com o objetivo de unir as mulheres e suprir a falta de representatividade da mulher xingua, fortalecendo o protagonismo das mulheres, estimulando uma maior participação em reuniões, onde são discutidas estratégias para enfrentamento dos problemas vivenciados pelos indígenas.

Em vista da diversidade cultural, somos 16 etnias vivendo no PIX¹, sentimos a necessidade de fundar uma associação que representasse todas as mulheres do Xingu, pois até então a mulher xingua não tinha uma representatividade significativa nos espaços de discussões. Elas não se sentiam representadas nas reuniões, mesmo quando convidadas, pois não tinham espaço para colocar suas opiniões. As mulheres se sentiam excluídas, invisíveis, mesmo quando se tratavam de assuntos relacionados a elas.

Preocupada com essa situação, em 2009, eu, Kaiulú Yawalapiti Kamaiurá, resolvi convidar as mulheres para fundar a Associação Yamurikumã das Mulheres Xinguanas, que tem como principais objetivos: empoderar as mulheres através da informação e formação para que as mesmas saibam discutir estratégias para o enfrentamento

¹ Segundo Adré Villas-Bôas publicou no site Povos Indígenas no Brasil <<https://pib.socioambiental.org/>>, em 2002, PIX é o Parque Indígena do Xingu, área cultural onde os povos indígenas das 16 etnias da região têm uma “similaridade no seu modo de vida e visão de mundo” e “estão ainda articulados em uma rede de trocas especializadas, casamentos e rituais inter-aldeões”.

dos problemas que afligem as suas comunidades; lutar pela preservação da cultura indígena e do meio ambiente, por saúde e educação de qualidade, e terra para a subsistência de suas comunidades.

A escolha do nome da nossa Associação vem do mito Yamurikumã, do Alto Xingu, onde um grupo de mulheres decidem abandonar os homens, quando descobrem que eles, num acampamento de pescaria, estavam se transformando em animais ferozes. É um ritual feminino no qual a mulher mostra a sua força e o seu poder.

Estamos vivenciando tempos de mudanças, de reflexão, entendemos que este é o momento de nos fortalecermos e ocuparmos espaços de discussões de forma participativa. A nossa organização veio para mostrar a nossa visão, o que pensamos e o que sonhamos. Através dela vamos mostrar o nosso jeito particular de ver as coisas.

A mulher é o equilíbrio da vida na aldeia, a guardiã dos saberes. Apesar do seu papel social ser fundamental, em muitas ocasiões, ela não é lembrada. Os seus problemas não são problemas. Ela não é prioridade! O papel da maioria das mulheres indígenas é ainda de mãe, dona de casa e esposa, mas isso está mudando. Não somos mais só do lar. Nossa presença em reuniões é cada vez mais frequente, nós estamos saindo de casa para lutar e defender nossos direitos. Nós queremos falar. Queremos ser ouvidas. QUEREMOS SER RESPEITADAS! Não queremos mais ser oprimidas, desrespeitadas, subestimadas, ignoradas, violentadas, reprimidas e desacreditadas.

HISTÓRIA DE RUPAH MEHINAKI KAMAIURÁ

Por Rupah Kamaiurá

Eu vou contar um pouco da minha história, mesmo não morando na aldeia.

Eu, Rupah Kamaiurá, vou contar uma história que é minha. Quando eu era uma criança, morava na aldeia Kamaiurá, então, lá eu gostava de pescar com minhas amigas.

Daí eu saí, vim morar aqui no Polo Leonardo, onde estou morando até agora. Mas quando eu cheguei aqui no Leonardo, não tinha muita gente, só minha família e uma das enfermeiras que morava aqui, só essas pessoas moravam aqui e agora tem sempre um evento acontecendo aqui. E agora está diferente todo mundo aqui.

Mas lá na aldeia Kamaiurá é diferente, porque lá tem uma liderança que manda organizar para fazer um trabalho para o cacique. Os homens também têm liderança que vai organizar o que eles podem fazer.

YAMURIKUMA (DANÇA DAS MULHERES)

Por Yawitah

Hoje, domingo, dia 05 de setembro (2021), as meninas Waurá encerraram a festa Yamurikuma (dança das mulheres). Começou na terça-feira, dia 31 de agosto. A festa foi maravilhosa, teve dança, cantos, brincadeiras, comida e muito mais. Mas não tinham convidados das outras aldeias, pois a festa é só na aldeia Waurá mesmo. Elas fizeram mutirão, ajudando o dono fazer a casa (oca), tirando sapé, com certeza teve ajuda dos homens também. Com a ajuda deles, o trabalho delas deu tudo certo, entregaram a casa pronta, e o dono feliz em ver a oca dele pronta. Então, falei que elas não tinham convidados, por quê? Porque tem essa festa das mulheres também, é tipo um kuarup, que vão convidar as meninas de outras etnias, aí vai ter luta, e essa festa dura um ou dois anos de preparação, depende do dono da festa, e com certeza a festa foi a mais incrível que podia acontecer. Mas o que fizeram hoje, foi só uma pequena festinha mesmo, e foi incrível!

Uma noite tão silenciosa, só escuto o som dos grilos, esses sons que vem da natureza, tão deliciosos, calmos e a alma sente-se livre, problemas se vão e a paz vem a mim.

CAPÍTULO 3

VIDA NA ALDEIA: Cultura e Tradição a Partir do Olhar Feminino Kamaiurá

Sula Fernanda Akuku Kamaiurá



Eu sou Sula Kamaiurá, da etnia Kamaiurá. Tenho 36 anos de idade, nasci no dia 14 de abril de 1985, na aldeia Morená, médio Xingu-MT.

Nos anos 2.000, com 15 anos de idade, eu tive a primeira oportunidade de conhecer o mundo do homem branco, ao trabalhar na saúde indígena como aprendiz, na minha comunidade, para dar os primeiros socorros à família, nos acontecimentos.

Fui escolhida para atuar nessa área porque era a única que conseguia falar algumas palavras na língua portuguesa. Querendo ou não fui atuando, os profissionais começaram a me chamar para acompanhar nos atendimentos domiciliares na minha comunidade, para intermediar entre os pacientes e os profissionais.

Seguia com meu herói, papai, sempre me incentivando para que eu pudesse aceitar e atuar nessa área, para que um dia eu tivesse um futuro independente, ser diferente das outras mulheres que são dependentes dos homens da família. Ele sempre colocou as dificuldades dele, que só ele não conseguiria sustentar todas nós, minhas

cinco irmãs e minha mãe. Primeiro, quando ele conversou isto comigo, me deu frio na barriga, senti medo de encarar o desafio. Eu não quis aceitar o pedido dele. Mas mesmo assim ele continuou fazendo empurrãozinho comigo: “filha, as profissionais de saúde do polo base vão vir daqui uma semana e você vai acompanhá-las aqui”. Hoje sou muito grata a ele por tudo que fez por mim. Ele colocou confiança em mim, sempre acreditando que um dia eu iria fazer a diferença na vida dele. Gratidão papai, eu te amo.

Foi grande, desafiador para mim, sem conhecimento nenhum na área de saúde, e o pior de tudo, mal dominava a língua portuguesa, com isso, encontrava muita dificuldade, ou seja, na hora de passar o caso de um paciente para as enfermeiras do polo base, não tinha outra saída para mim. Muitas vezes, eu tinha que pedir ajuda para algumas pessoas da família para me intermediar na hora de falar no rádio amador para passar o caso dos pacientes para as enfermeiras do polo base. O rádio amador era o meio de comunicação na época, entre os profissionais de saúde das aldeias, na região. Só assim eu conseguia passar quadros de saúde de casos dos meus pacientes para as enfermeiras, para podermos fazer procedimentos de condutas e procedimentos no paciente.

As minhas dificuldades sempre me fizeram forte para continuar nessa área desafiadora, em nenhum momento pensei em desistir. Sempre encarei, sempre coloquei no ponto positivo a minha vontade de aprender novo mundo que nunca conhecia na vida. Todas as vezes que encontrava as dificuldades, eu dizia: “convivendo com essa dificuldade, sei que um dia vou conseguir dominar essa língua estranha, e serei capaz de falar”. E assim continuei atuando, mesmo com muita dificuldade, mas é claro, cada passo fui aprendendo aos poucos. De duas coisas me lembro muito até hoje, como se tivesse acontecido ontem, quando consegui falar uma palavra técnica na

linguagem de medicina, o nome de uma doença “toxoplasmose”. Nossa, fiquei tão feliz de conseguir pronunciar aquela palavra nova para mim, era uma conquista para mim.

Depois de cinco anos de atuação como aprendiz, sempre dedicada no trabalho, enfrentando as dificuldades, vem o primeiro reconhecimento do trabalho pela comunidade. Considerando minhas experiências, os gestores que eram responsáveis, atenderam a proposta da minha comunidade para contratação, para que eu fosse remunerada. Para isso, eu tinha que ter pelo menos duas ou mais participação de curso de formação dos agentes indígenas de saúde. Assim, eles conseguiriam ter meus certificados para contratação. Finalmente, consegui fazer uns dois cursos, com isso fui contratada com valor muito baixo, R\$ 300,00 (trezentos reais) na conta. Já era uma conquista para mim e principalmente para o meu pai. Ele ficou tão feliz quando soube da minha contratação.

Esta foto é muito significativa para mim. Minha participação no Curso



MINHA VIDA EM DOIS MUNDOS

Eu sou a mulher indígena que vive duas culturas diferentes: minha cultura tradicional e a cultura do não indígena.

Desde a minha infância, não sei como, eu imaginava as coisas que estamos vivendo hoje, de modo geral. Tanto na política do branco e quanto na política indígena interna e externa. Todas as vezes que ficava só, sempre vinha nos meus pensamentos como ajudaria meu povo e minha comunidade assim que crescesse. E sempre martelava na minha cabeça que eu podia fazer alguma coisa para eu ser algo na família.

E aí começa um grande desafio. Na época, não tinha escolas indígenas nos territórios indígenas. Na minha comunidade, tinha uma de alvenaria construída através de um amigo conhecido do meu avô que trabalhava nas Forças Aéreas Brasileiras (FAB). Eles tinham uma sede dentro do Xingu, era mais ou menos próxima da aldeia onde minha família tinha aberto a aldeia Morená, havia pouco tempo. Na época, década de 1980, a tradição do meu povo era muito forte, as danças eram muito praticadas, pinturas corporais e as atividades do dia a dia.

Com a construção de alvenaria na minha aldeia, minha família recebeu muita crítica do meu povo, que aquela escola ia impactar a cultura tradicional e muito mais, falaram do ponto negativo que a escola ia trazer os problemas de fora. Mas meu avô, ele sempre pensava diferente, sempre se sensibilizou para esse tipo de oportunidade boa. Na época, não tinha ninguém para indicar como professor que podia dar aula para as crianças. Meus irmãos ainda eram muito novos, adolescentes sem experiência para trabalhar na sala de aula.

Alguns anos depois, entre 1990 e 1992, apareceu um rapaz que estudava na cidade e tinha conhecimentos básicos de língua portuguesa. Ele, num primeiro momento, se interessou em fazer aula como voluntário. Sem remuneração pelo trabalho, a escola ainda não era reconhecida pelo MEC, era apenas só pela vontade própria do rapaz. Em 1993, eu com 9 anos de idade entrei na escola, foi muito

difícil para mim entender, decorar as palavras de língua portuguesa. O pior foi quando fui escrever no papel com o lápis, de tanto eu errar uma letra ou a palavra, furava meu caderno com a borracha. O meu professor, ele era muito engraçado, e fazia gracinha comigo quando furava uma folha de caderno.

O meu professor já era outra pessoa, também era estudante da cidade. Atuação dele aconteceu da mesma forma do outro rapaz que atuava antes. Mas depois foi tranquilo para mim, as aulas, e eu me achando inteligente no meio dos meus colegas, porque comecei a aprender a ler e escrever. Até isto foi engraçado para mim, inocente, achando que meu professor que dava aula na sala de aula era sábio, preparado para dar aula, mas não, era improvisado, rsrsrs!

Como eu aprendi fazer a leitura, chegou a hora de tirar minhas dúvidas, matar minhas curiosidades, entender o que exatamente estava falando no texto, queria entender o tema abordado. Mas não, o meu professor nunca quis me explicar sobre isso, toda vez que perguntava para ele: — “professor, o que está dizendo nesse texto?”. Ele sempre me respondia da seguinte maneira: — “continua estudando e um dia você vai entender o que está dizendo nesse texto”. Eu ficava triste com essa resposta, porque eu queria entender, naquele exato momento, para dizer para o meu pai e meus irmãos que aprendi algumas coisas novas, mas não aconteceu isso.

Assim continuei com minhas curiosidades, minhas dúvidas, enfim! Depois de um ano na escola, eu abandonei a escola por vontade própria, porque só queria fazer aventuras com minha família, participando das festas tradicionais nas aldeias, ritual kuarup, festa takuara e festa das mulheres yamurikumã. E assim nunca mais voltei a frequentar a escola. Engraçado, toda vez que chegava na minha aldeia e, no outro dia, via os alunos indo para escola, eu escondia dentro de

casa, não saía de jeito nenhum para fora de casa. Eu, inocente, achando que daquele jeito o professor ia me obrigar a voltar para a escola.

LIDERANÇA DE MUTIRÃO DE TRABALHO PARA O POVO KAMAIURÁ

Para o meu povo Kamaiurá, existem vários de tipos de liderança, para cada área de atividades que são praticadas tradicionalmente no cotidiano da comunidade. No contexto geral, a aldeia é formada em conjuntos por esses líderes. Podia muito bem explicar o papel de cada líder das diferentes áreas, mas vou focar mais nos líderes de mutirões.

Antes, só vou citar quantos líderes são na comunidade, tem dois líderes que são mais importantes. Tem líder da aldeia que comanda as cerimônias mais sagradas da comunidade e representa o povo fora da comunidade (dono da aldeia). Segundo, tem líder da comunidade, o cacique, que também pode representar o povo na ausência do líder da aldeia. Tem líder da festa que lidera as festas, tem líder de mutirão, e assim vão formando as lideranças dentro de uma comunidade.

As lideranças mulheres também formam em conjuntos. Detalhe importante, a mulher líder que representa as demais mulheres, na comunidade, é uma das filhas da liderança da aldeia e liderança da comunidade. Geralmente, são escolhidas pelo comportamento, atitude e pela generosidade. Essas duas líderes são como princesas na comunidade do povo. E as outras lideranças são compostas da mesma forma que os homens.



Tem a liderança da festa yamurikumã, específica das mulheres, mulheres empoderadas. Através dessa festa, as mulheres fazem seus movimentos de atividades na comunidade fazendo trabalhos como colheita e armazenamentos de polvilho para a dona da festa yamurikumã, também podem fazer para outra pessoa que não seja a dona da festa, limpeza da aldeia, da roça, entre outros.

Em geral, o movimento de mutirão acontece a partir do momento que o líder decide ou decidem em grupo para fazer certas atividades. Um líder principal faz chamada do pessoal da comunidade, direcionando suas palavras para duas ou três pessoas para fazer parte da liderança de mutirão durante realização da atividade. Esse pessoal que foi chamado em primeira chamada se decide e concorda com o que a primeira liderança propôs para eles. E eles fazem a segunda chamada da comunidade, fazendo grito bem alto para informar, convidar e combinar horário para a comunidade inteira.

Assim, toda a comunidade fica ciente das atividades que serão feitas no tal dia combinado. Por exemplo, no caso das mulheres, uma líder ou grupo de três pessoas observam certas coisas que precisam ser feitas. Em grupo, elas tomam decisão de chamar demais mulheres para ouvir o que elas têm a dizer. Nesse espaço de decisão, elas têm um assunto para discutir, na verdade, nada é discutido, apenas concordam e fica combinado o dia e período de trabalho, em quantos dias será feito aquele trabalho. Na verdade, os dias são definidos conforme o tamanho de cada atividade, por exemplo, colheita de mandioca para o dono da festa yamurikumã, vai durar mais ou menos uma semana, porque as mulheres que são responsáveis já viram com antecedência o tamanho da roça. Com isso, elas já têm ideia dos dias para terminar e entregar o polvilho seco, bem pronto para o dono da roça, o mesmo dono da festa yamurikumã.

Nesse período de atividade de colheita de mandioca, ou seja, período de armazenamento de polvilho, as mulheres se animam bastante, fazendo muitos movimentos de festa yamurikumã todos os dias. Umas trabalhando e outras dançando e cantando, passando e entrando de casa em casa. Quando é à tarde, todas as mulheres se reúnem no centro da aldeia (pátio da aldeia) e elas dançam e cantam em um grupo só até anoitecer. Elas param para descansar e no outro dia continuam o trabalho. Assim, a rotina delas vai se repetindo até no dia de término das atividades delas.

Nesse tipo de trabalho, o dono da festa ou o dono da roça e da casa também tem muita responsabilidade para cuidar desse grupo de trabalho. Apesar de que o grupo de trabalho, ou seja, a comunidade está ajudando a terminar logo aquele certo de trabalho. Nessa hora, a pessoa que está sendo ajudada, também, ele com a família tem muito trabalho para cuidar desse grupo. A família precisa fazer os movimentos, os homens precisam ir à pescaria para alimentar o grupo, as mulheres da família precisam preparar beijú de mandioca, mingau de beijú, e buscar lenhas para manter esses preparos dos alimentos. Todos os dias o dono e a família têm que oferecer comidas para o grupo de mutirão, e até o dia de término do trabalho.

Então, na verdade, os dois acabam dando muito trabalho puxado, nesse período de mutirão. Estou me referindo mais à colheita mandioca e à construção de uma oca. São essas atividades que são mais pesadas que o grupo faz dentro da comunidade. Existem outras atividades, só que são mais fáceis de fazer e termina tão rápido, por exemplo, limpeza da aldeia, limpeza das roças, entre outras que também são feitas em mutirão.

CAPÍTULO 4

MARÍLIA: DIÁRIO DE UMA MULHER MARANHENSE

Marília Conceição Nogueira



Oi! Eu me chamo Marília, Lila para a minha família. Tenho 52 anos, moro em Imperatriz, cidade do Estado do Maranhão. Sou filha de *Manoel da Costa Nogueira* e *Antonina Conceição Nogueira* e mãe de *Juliana Conceição Nogueira* e *Caio Vinícius Nogueira*.

Na minha vida, tive muitas idas e voltas, especificamente, do Maranhão para o Mato Grosso, sempre fugindo dos momentos difíceis, mas sempre tive uma família que me apoiou, por isso, não sucumbi.

Morei muitos anos em Cuiabá, cidade que eu amo. Tenho dois filhos, uma de 34 anos, fonoaudióloga, muito estudiosa, esforçada; e outro de 26 anos, ainda na faculdade. Eu sou muito abençoada, tenho filhos maravilhosos, como mãe solo, passamos muitas dificuldades... Aos 33 anos, ingressei na faculdade de Letras na Univag. Depois de algum tempo, consegui entrar pra UFMT, onde me formei.

Eu sempre quis escrever um livro. Desde bem jovem, quando me vi passar por aquilo que seria o meu maior desafio, na época, até ser realmente diagnosticada com transtorno bipolar. Tiveram longos anos, eu



sempre tive essa sombra para me amedrontar, sempre senti medo de enfrentar determinadas situações, sempre com receio. Falar disso aqui é libertador, antigamente eu evitava. Mas hoje não vejo problemas. Foram várias quedas por conta desse problema que eu nunca quis aceitar. Vários sonhos deixados de lado, especialmente, o de lecionar, ensinar, ser professora de fato. Quando me formei eu tinha sonhos, especialmente, o de exercer esta profissão, eu queria algo que me desse mais estabilidade, como passar em um concurso! Tive que guardar na gaveta meu diploma e deixar de lado meu sonho!

Entre tantas dores, a de perder minha mãe foi a mais difícil. Minha mãe era minha rainha, era perfeita. Quando ela partiu, eu já tinha meus dois filhos, Juliana e Caio Vinicius. Ela esteve sempre ao meu lado, o sonho dela era me ver casada e feliz. Sempre foi o meu também, por muito tempo! Mas hoje, aos 52 anos de idade, não penso mais nisso. Não me acho velha, mas a gente amadurece e passa a ter outras prioridades. A vida nos modifica, passamos por fases.



Depois de muito buscar respostas, ao longo da vida eu entendi que tudo em nossas vidas tem um motivo, nada é por acaso e carmas existem, nós não podemos fugir deles. Passei por várias situações. Claro, tive momentos maravilhosos também, receber o meu diploma do curso de Letras foi algo fantástico. Fui representada por uma grande amiga, no ritual de colação de grau e, assim, consegui concluir o curso. Era algo que eu sonhava, foi uma superação. Depois veio a formatura da minha filha, ela se tornou uma grande profissional, dedicada, responsável, faz tudo com muito amor. Posso dizer que

sou uma mulher de muita sorte. Aliás, uma mulher com merecimentos, conquistas, acredito que o universo é justo, nos devolve na mesma proporção que doamos.

Escrever sempre foi algo muito desejado. Às vezes me falta inspiração, mesmo tendo tantas coisas para contar. Eu venho de uma família bem estruturada, no início. Na minha infância, meu pai era político, do interior do Maranhão, homem bom, honesto, queria ajudar a todos, e ajudava. Naquela época, minha mãe tinha herdado terras e gados, tínhamos muita fartura. Com o passar dos anos, meu pai começou a se desfazer dos bens que tínhamos, devido ao seu jeito bom de ser! Alguns anos, atuou como vereador e vice-prefeito.

Durante a minha infância, minhas irmãs mais velhas começaram a fazer teatro aqui na minha cidade. Já adolescentes, eram muito participativas e nós, as menores, achávamos o máximo tudo aquilo. Chegaram a fazer um circo em nosso quintal, cobravam entrada e tudo mais, vendiam pipoca. Era uma diversão, nossa infância foi muito ingênua, com muitas brincadeiras da época, piqueniques debaixo das mangueiras. Nós passávamos horas, com a nossa imaginação, viajamos o mundo, fomos uma geração intensa, banho de chuva sempre tinha e nunca ficávamos doentes.

Quando minha mãe desencarnou eu estava terminando o meu curso de cabeleireira que havia ganhado da minha madrinha. Aí começava a minha jornada na área da beleza, foram anos de muita dedicação. Amo transformar as pessoas, colorir um cabelo, muitas histórias, salões lotados, noites de festas, formaturas, casamentos que, quando era da família, eu sempre chegava atrasada rrsrrs. Apreendi muito com excelentes colegas que tive, adquiri também algumas dores, claro!

Quando engravidei do meu filho, aos 26 anos, minha família, como sempre, me apoiou em tudo. Com 4 meses de gestação, vim para o Maranhão (nessa época eu morava em Cuiabá), passei o restante da gravidez e depois quando meu filho, já estava com 5 meses de vida, nós voltamos.

Nesse período, fui trabalhar fora e em casa montei um mini salão. Aos finais de semana, meus filhos não tinham muita privacidade, pois sempre tinha cliente para atender. Eu fazia de tudo para não faltar o necessário.

Quando eu terminei a faculdade, eu achava que tudo ia mudar. Mas eu tive que dar outro rumo para minha vida. Voltar para o Maranhão para cuidar do meu pai. Não me arrependo, faria tudo de novo. Mas só mudaria algumas coisas, acho que iria enfrentar os meus medos e correr atrás dos meus sonhos. O fato de ser bipolar me fez temer o novo, o desafio. Por isso, hoje eu me dou o direito de estar aqui traçando essas linhas. Quero voar... Quero viver... Contar a minha experiência... Quero que o mundo saiba que ser bipolar não nos limita a nada... Podemos ser o que quisermos.

Quando eu comecei a cursar Letras, sempre achei que um dia escreveria um livro, claro que, na verdade, eu não acreditava no meu sonho, mais os anos se passaram e aqui estou. Há alguns meses, quando minha amiga e professora Jussara Meira me falou sobre o projeto Teresa de Benguela, achei pouco provável, não me interessei muito. Cheguei a dizer, antes da primeira oficina, que não participaria. Hoje, passados todos os nossos encontros com a professora Suety, estou certa de que fiz a melhor escolha.

Sempre gostei muito de escrever e hoje entendo o porquê. A escrita, assim como a leitura, nos faz viajar o mundo. Por isso, nós,

mulheres que fazemos parte desse projeto, fomos presenteadas com essa oportunidade e estamos muito gratas.

Escrever sempre foi um sonho, falar das minhas experiências, contar como foi difícil chegar até aqui. Agora, a sensação de saber que nunca desisti de mim é muito boa, mesmo que por muitas vezes tendo que juntar os pedaços. A bipolaridade te coloca em dois mundos bem distintos, a realidade você não quer ver, ela está ali, mas você não consegue enxergar e a fantasia que é uma constante, você se acha a pessoa mais importante, você se coloca num lugar de destaque e acha que todos também fazem isso, você acredita piamente que todos te observam e ainda tenta fazer tudo para não ser julgada, acha que sempre vai acontecer algo de muito bom... Há 37 anos, quando eu me vi pela primeira vez nessa situação, ninguém sabia do que se tratava, foi preciso muito tempo para que os médicos e minha família entendessem. Quando fiquei sabendo que era mais comum do que eu supunha, que existem até pessoas famosas que são bipolares, de repente, eu comecei a me ver com outros olhos, parei de sentir tanta vergonha e foi aí que comecei a falar mais sobre isso.

Meus pais sofreram muito. Toda a minha família, aliás. Foram muitas idas ao psiquiatra, havia 5 anos que eu não tinha crises, quando no Carnaval de 2020 aconteceu o que eu mais temia, eu fiquei mal. Graças à Deus que não existem mais aquelas clínicas. Sim, eu não tenho boas lembranças. Dessa vez, minha família, com toda a experiência ao longo dos anos, soube direitinho como agir, foram dias difíceis, eles foram incansáveis, revezando com as amigas, tivemos noites e dias longos.

Depois de um mês eu tinha uma viagem marcada para São Paulo e, chegando lá, começou a pandemia. Com isso, eu fiquei dois meses na casa da minha filha, uma prova de fogo. Longe da minha casa e dos meus cachorros... Chorei muito. Mas Ribeirão Pires é tão

linda! Eu aproveitei ao máximo, mesmo com tanta restrição, eu fazia caminhada, me exercitava, aproveitando o friozinho.

Não quero mais ver a vida passar por mim, enquanto eu fico dando desculpas. Quero enfrentar os meus medos, chega de me esconder do que passou... Ah!!! A vida é rápida e quando você vê, se passaram vinte, trinta anos. Lamentar? Não adianta!

Quando eu percebi que criaria meus filhos sozinha (digo sem pai), eu nunca me esquivei, eu não tive medo, educá-los e protegê-los foi a melhor experiência, mesmo com todas as pedras que encontrei pelo caminho, mesmo com todas as dificuldades... Ser mãe solo num mundo cheio de preconceito, machismo e violência... não é animador, mas também não é impossível!

FILHOS MEUS

Os filhos que Deus me confiou
 Outrora talvez já tenham sido
 Como saber os desígnios do Criador?
 De repente com eles já tenha vivido...
 Acredito num passado distante
 Com outras histórias escritas
 Sinto que por aqui já passamos
 Em idas e vindas distintas....
 Deus seria muito injusto, com muitos dos filhos seus...
 Dando à alguns a fartura e a outros, esqueceu?

Ah! Mas a misericórdia de Deus é infinita
 Eu sempre pensei assim
 E como “nada é por acaso!”
 Os deu de volta para mim...
 Porque histórias mal resolvidas precisam de reajuste
 Mesmo que demore outra vida... mesmo que ainda custe!
 “Filhos meus” ...

EU TENHO PRESSA

Eu quero ser dona de mim
Quero me permitir
Quero sonhar, aprender e nunca deixar
de sorrir
Quero ousar, ser livre e conquistar coisas
que nunca tive
Quero realizar sonhos, me amar sem
medidas
Quero curar todas as minhas feridas
Quero correr na chuva e encarar a
escuridão
Quero aprender com o mundo e ter uma
direção
Quero amar, me entregar, mesmo que eu possa sofrer
Quero chorar sorrindo mais intensamente
Quero viver...



A DESPEDIDA

Às vezes, acontecem fatos que nos levam a repensar toda a nossa trajetória, quando a dor da perda nos surpreende podemos refletir ainda mais sobre aquilo que almejamos para nós. Por mais que a pessoa não seja da família, mas que nos era muito querida, entendemos que a vida é muito curta para não aproveitarmos cada segundo. Nesses dois últimos dias (novembro de 2021), o Brasil chorou a partida de uma grande estrela que, no maior momento da sua vida, no auge da carreira, nos deixou num trágico acidente, a Marília Mendonça. E isso me fez repensar sobre a minha vida. Sobre todas as vezes que deixei algo para depois, para mais tarde. Então, temos que viver intensamente. E fazer parte desse projeto, me fez ver o quanto

sou privilegiada, o quanto a vida está me dando a chance de fazer algo que, sozinha, talvez não fosse possível.

O TEMPO

Estava eu aqui no meu salão refletindo sobre o tempo. Duas clientes desmarcaram seus horários, uma seguida da outra, e eu fiquei a pensar... O tempo... Sempre estamos a esperar por alguma coisa, uma visita, um final de semana ou uma viagem bacana.

Um dia de sol ou uma refrescante chuva... Uma saída com os amigos, aquela velha turma... Muitos de nós passam a vida esperando um grande amor e muitas vezes nem percebe que a sua chance já passou.

Eu espero um futuro melhor

Para os pequeninos que agora nascem

Desejo uma nova era... e que todos os conflitos passem...

Espero que a humanidade evolua o suficiente para que sinta empatia e que essa geração se ame dia após dia...

Sei que no futuro tudo é muito incerto... Mas para se ter uma boa colheita temos que fazer de coração aberto...

Esperemos e tenhamos fé que para tudo tem a mão de Deus

Seu amor é infinito e sempre acolhe os filhos Seus.

MEU PAI NA POLÍTICA. E EU?

Um dia eu senti vontade de saber mais sobre política. Meu pai, como bom e honesto vereador do interior aqui do Maranhão, me inspirava. Eu achava lindo como ele ajudava quem chegasse até ele, sempre dava um jeitinho em tudo... Antes do meu nascimento,

morando numa pequena cidade, até farmácia ele teve, tudo ele resolvia... Meu pai era honesto demais para estar nesse meio... Por três mandatos ele ocupou uma vaga na Câmara da tal cidade. A nossa infância inteira tivemos contato com os seus amigos políticos, a quem nós chamávamos de tios... Infância com muita fartura... Mas falando da minha vontade de ingressar nesse meio... do jeito que ela veio deixei passar, não tem jeito, não dá para mudar certas coisas, não nessa geração! Enquanto isso, eu envio boas energias para que um dia bem próximo apareça um cidadão de bem e que não se deixe corromper... Diz o ditado que quem espera sempre alcança... 😊

LADRÃO NO SALÃO

Durante todos esses anos de salão de beleza, aconteceram alguns episódios bons, engraçados, tristes ou tensos... Certa vez, estávamos quase encerrando o expediente quando entrou um rapaz no salão... Eu me adiantei para dizer que já estávamos fechando... De repente, ele tira um 38 de baixo da camisa, eu paralisei... Estávamos atendendo a última cliente que estava acanhada com a filha de 2 anos.

O assaltante nos trancou na parte dos fundos e começou a vasculhar todas as bolsas, a minha só tinha um vale transporte rrsrs. Porém, a bolsa da dona do salão tinha um saquinho de veludo cheio de jóias que havia acabado de tirar do penhor. Mas ele não encontrou. No caixa, só restava R\$ 107,00 (cento e sete reais), pois o dinheiro daquele dia já tinha sido retirado do caixa e estava seguro.

Durante longos minutos passamos na mira da arma e ele, muito nervoso, até tremia as bochechas. Muito tenso... Por fim, ele foi embora, nós saímos do cativeiro rrsrs. Sim, porque nem o cadeado para nos trancar lá dentro ele conseguiu encontrar, sendo que estava

nas fuças dele. Quando percebemos que havia saído, saímos bem devagar, respirando aliviadas.

Depois de alguns minutos a dona do salão, boa devota de São Benedito, foi agradecer ao Santo... Para nossa surpresa, caiu desmaiado depois de todo o ocorrido rsrsrs. Foi o assunto do mês. Depois de tudo, só conseguimos rir da situação!!! 😊😊

FORÇA NAS CANELAS

Sempre gostei de fazer caminhada. Um dia, há muito tempo atrás, uma amiga e eu fomos desbravar um bairro muito simpático, aqui, próximo à nossa casa. Íamos conversando muito animadas, achando que estávamos arrasando.

Depois de algum tempo, quando já estávamos cansadas e já íamos voltar, apareceu um belo cão que ficou a nos observar. De repente, ele começou a correr atrás de nós! Saímos em disparada, com muito medo, gritando e correndo muito.

O medo era tanto que corríamos sem olhar para trás, não sei onde arrumamos tanta força nas canelas... Já tínhamos percorrido um longo trajeto rsrsrsrs. Quando, de repente, olhei para trás e percebi que o pobre cão já tinha parado há muito tempo rsrsrs. Acho que ele não aguentou o nosso pique. Paramos sem fôlego e começamos a sorrir de nós mesmas! O medo faz com que tomemos atitudes que nunca imaginamos. Nunca esqueci daquela fatídica caminhada. Ainda bem que naquela época eu devia ter uns 12 anos, porque se fosse hoje... Ah!!! Ele teria me alcançado rapidinho!

AMIZADE

Amigos de uma vida
Amigos de alma
Daquele tipo que te coloca pra cima e sempre te acalma
Amizade construímos, colocando afeto e confiança
Pois amigos verdadeiros são riquezas, são bonança!
Na minha primeira infância, eu tinha duas que eu não largava
Fazíamos tudo juntas, inclusive estudava...
Ah! Como eram saudáveis as brincadeiras daquela época
Pique esconde, amarelinha, camaleão e bate latinha...
Agradeço ao universo por todas as amizades
Pois, por onde andei sempre deixei saudades
Deste mundo não levamos nada
A não ser as lembranças
Então, seja amigo verdadeiro, ame, abrace, seja fiel, seja parceiro
Aos céus eu elevo sempre meus pensamentos
Pedindo a Deus proteção, saúde e merecimento
De nessa vida encontrar amigos de coração
E sempre deles levar uma preciosa lição!

AS COISAS DO CORAÇÃO

Quero que um dia o amor me encontre de coração leve, sem ansiedade
e sem pressa, com paz na alma...
Amor inocente, sem cobranças, com confiança.
Quero amar sem medida, sem culpa, como se não houvesse amanhã...
ter cumplicidade e entrega...
Fazer pelo outro tudo que couber dentro do meu amor, dar afeto e
cuidado
Quero ter a liberdade de sair por aí...
Viajar, experimentar o vento no rosto, a chuva, até mesmo um beijo
molhado...
O amor não mede esforços, não culpa, não julga, mas também não
abusa, não ultraja, não aprisiona...
Quando almas gêmeas se reencontram é mágico...

LIBERDADE

É nobre esse sentimento, vamos ser gratos por todos os momentos,
 uns de dor, angústia, temor, mais tantos outros de amor!
 Vamos ser gratos ao Pai do céu por tudo que ele nos dá, saúde, família,
 nos deu também um lar!
 Gratidão também por andar, sentir e ter o direito de ir e vir...
 Sentindo a liberdade pulsar.
 Assim podemos lembrar de um passado real, aquele que torturava e
 mandava para o exílio pais de família, artistas, uma geração oprimida
 pelo poder, pela ganância, pela opressão.
 Tempos esses que eu não quero que volte, pois era sofrimento e dor,
 chegava até a morte.
 Essa época que as pessoas não tinham nenhum direito, fazer, falar ou
 pensar, todos já se tornavam suspeitos.
 Um tempo de sofrimento, que não havia respeito....
 Ser mulher, gay ou negro era um grande motivo para a pessoa ser
 perseguida...
 Mas as décadas se passaram, algumas coisas mudaram, hoje em dia
 mulheres votam, empreendem, algumas até governam.
 Mas a luta continua, pois ainda há preconceito.
 Há muito o que ser mudado.
 Queremos o nosso direito, por muito tempo negado.
 Traçar o próprio destino, escolhendo uma profissão, com muito amor
 e carinho.
 Ser mãe, esposa e filha, mas também ser o que quiser.
 Não importa a profissão, juíza, delegada, médica, ou ainda cientista,
 astronauta.
 O que está em pauta é a liberdade de ser mulher!

TRISTEZA

Assunto muito falado em todas as classes sociais
 Começa devagarinho, vai te envolvendo aos pouquinhos e sabemos
 do que ela é capaz
 Muita gente chama de frescura, o nome dela é depressão

Eu já tive algumas vezes, sou só uma em um milhão
É chamada de doença do século e já levou muita gente a tirar a própria vida

Quando alguém da sua família, amigo ou vizinho, se encontrar com uma grande tristeza, converse, pergunte com muita delicadeza, muitas pessoas têm vergonha, se escondem, é muita tristeza!

Todos nós temos problemas, uns maiores, outros não
Sabemos das angústias da vida, lutas, decepção!

O preconceito ainda atrapalha muito a procurar um profissional
Se enganam aqueles que não entendem que o tratamento é eficaz e gradual

A psicoterapia é muito importante falar

Ajuda todo mundo a se reconectar

Eu dou muito valor a todos os profissionais que cuidam da saúde mental

Vamos nos conscientizar, vamos abrir nossas mentes para combater esse mal!

O AMOR

Sentimento nobre, capaz de nos modificar...

Ah! Um grande amor ainda quero encontrar....

Um dia eu encontrei alguém que me fez muito feliz

Mas a vida o levou para longe e nada saiu como eu quis...

Pudera eu ainda tê-lo ao meu lado, para que juntos pudéssemos viver

Embora eu entenda que na vida não basta querer...

Almas gêmeas sei que fomos

E ali já houvera uma história, mas acredito que não seria mais como outrora...

A felicidade não depende só de um...

O outro também precisa se doar

Pois para escrever uma história é necessário se entregar...

CAPÍTULO 5

HISTÓRIA DE VIDA E CULTURA DE AIANUKE WASITXUWALU

Aianuke Wasitxuwalu



Eu sou filha do cacique Atamai Waura. Ele quem comandava a aldeia, porque ele era cacique.

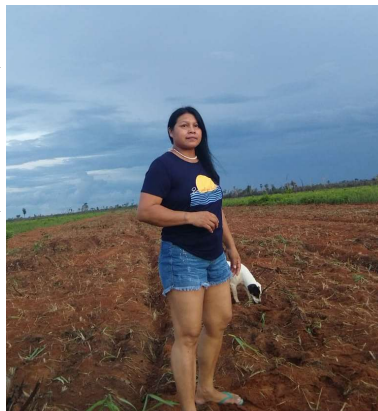
Meu pai faleceu em 2012, no mês de agosto.

Sou mulher indígena original. Não sou mestiça de branco. Porém, sou considerada mestiça de indígena porque minha mãe é da etnia Trumai e o meu pai Waurá. Mas, eu não me considero como etnia Trumai, me considero como Waurá porque eu falo na língua do meu pai, eu nasci na aldeia dele, Piyulaga. Eu estudei na aldeia Piyulaga, eu fui a única mulher que se interessou pelo estudo. Era eu, sozinha, em 1980. Outras mulheres me zombavam porque eu andava no meio dos homens. As mulheres me falavam que era feio andar no meio dos homens, mas eu nunca dava ouvido para elas, sempre fui criticada por causa dos estudos.

Naquela época, eu fui zombada por causa do meu estudo, porque não existia o pensamento que eu podia estudar. Eu tinha muita dificuldade para entender português, era difícil para mim, mesmo assim eu ia para aprender. Primeira professora minha chamava

Margareth, não me lembro mais seu nome completo. Ela foi a primeira professora dos indígenas da aldeia piyulaga, eu não apreendia nada com ela.

Depois, outro professor entrou para dar aula para nós, na aldeia. E com ele eu aprendi a falar português e ler também. Ele era casado com a técnica de enfermagem. Eu acompanhava e também eu interessei pelo trabalho dela. Eu pedi para ela me ensinar, para eu aprender com ela, para mim era só pegar na prática, e dava medicação, mas não era assim que funcionava.



Mas ela me ensinou para aprender na prática, até que eu aprendi, depois eu saí, fui para a cidade morar junto com minha irmã. Meu sonho era estudar na cidade. Mas o marido dela não deixou eu estudar na escola. Fiquei dois anos em Brasília, eu tentando entrar na escola da cidade, meu cunhado era contra os indígenas estudar na cidade, depois voltei para a aldeia, me casei com indígena. Eu construí minha família, tenho 4 filhos.

Depois eu me inscrevi no estudo diferenciado para me formar como agente de saúde dos indígenas. Foi em 2003, eu consegui fazer curso diferenciado através do DSEI Xingu.

Eu me formei, trabalhei na Saúde, nunca deixei de ser mulher indígena, tenho orgulho de ser índia.

Depois teve mudança no DSEI e eu perdi meu cargo de emprego, meu sonho era trabalhar com meus povos, cuidar da saúde dos meus povos, mas não deu certo.

Hoje sou vó, já tenho netinho. Hoje estou lutando por ele para ter bom atendimento para ele.

Hoje moro na cidade, sou separada dos pais dos meus filhos, estou morando com branco, funcionário da Funai e indigenista. Não por isso vou deixar de ser indígena.

Hoje minha luta é pelos meus netos, desenvolver plantação de arroz, feijão, milho, no local onde foi desmatado. Mas não está sendo fácil para fazer esse trabalho.

Não porque eu quero ver meus netos como rico, como fazendeiros. Não. Porque eu pensei nisso para produzir. Hoje, nós, indígenas, precisamos ter atendimento bom para pagar medicação, hospital, tudo.

Finalizando minha fala, eu tenho orgulho de ser filha de cacique, neta do cacique Kuwamoto. Aianuke Waura.

QUAIS SÃO OS PREFERIDOS DA ALIMENTAÇÃO DOS POVOS XINGUANOS?

Peixe de pirão, assado, moqueado.

Beiju, tapioca, sal de água pé.

Eu escutava meu avô Malakuyawa que proibia alguma coisa para não comer. Principalmente caças, falava que caça faz mal para as pessoas. Prejudica a saúde das crianças, então, por isso, nós não comemos muitas caças. Até peixe grande ele proibia também. Pirarara, pintado, peixe cachorro também etc. Meu avô falava que trazia cansaço para as pessoas. Mas hoje não existe mais essa orientação para os povos dos Waura.

Mudou a nossa alimentação. Hoje os povos estão se alimentando com frango, carne de vaca, tudo o que aparece na frente

para comer, nós comemos. Os antigos não tinham café, açúcar, leite, refrigerante. Os antigos não tinham conhecimento com isso, o que era café da manhã dos povos do Xingu: Caldo de mandioca. Mulheres buscavam na roça para fazer. Tem que preparar tudo, ralar, lavar com água, depois as mulheres cozinham na panela de barro, até tirar todo o veneno da mandioca. Quando fica pronto, bem de tardezinha, as mulheres esfriam para beber, depois cobre com esteira, ou com madeira, ou com tacho.

Amanhecendo, às 3 ou às 4 da manhã, a mulher levanta, vai lá tirar aquela que ela fez ontem, de caldo de mandioca, e nos chamar para beber, para dar para o marido e para os filhos. Às 5 da manhã, a mulher faz beiju para comer, quem tiver peixe na casa, eles comem mais cedo, é isso café da manhã dos povos indígenas. Hoje não tem mais isso, a gente já se acostumou com café e leite. Nossa alimentação mudou muito, com nossa mudança de alimentação, nossa saúde começou a agravar, hoje já tem diabético, colesterol alto, pressão alterada, tudo tudo. Os antigos não tinham esses problemas.

Finalizando, esse é o meu conhecimento, um pouco pelos antigos.

CAPÍTULO 6

MINHA QUEDA EM ASCENSÃO

Gabrielle Cavalcante Targa



Gabrielle Cavalcante Targa, estudante do ensino médio, do Instituto Federal do Mato Grosso, Campos São Vicente, cursando atualmente (2021) meu último ano do ensino técnico. Moro em Cuiabá - MT, tenho 17 anos, e sou a mais nova das escritoras do livro.

Um grande prodígio em ascensão, eu diria.

Não seria tão modesta e narcisista se não fosse a verdade, porém esta sou eu. Conhecida pelos meus fiéis leitores e leitoras como Stormi o Dragão da tempestade.

Tão voraz, tão caótica. Essa é a Tempestade. Tão linda e majestosa. Essa é Stormi.

ESCREVA QUERIDOS SENTIMENTOS

Queridos sentimentos, eu estou escrevendo esta carta para vocês. Por todas as vezes que eu tive que segurar meu choro, porque estava sendo fraca em demonstrar que não consigo.

Queridos sentimentos, me desculpem por privarem vocês de sentir qualquer coisa novamente, estou fazendo isso por puro amor.

Não quero ver vocês sendo destruídos novamente, e tendo que sofrer para se reconstruírem e não conseguir mudar nada, porque estou ocupada demais pensando em me manter estável.

Queridos sentimentos, eu sei que vocês são incríveis, a cada batida do meu coração, por cada lágrima que eu derramei, por cada partícula de felicidade que eu senti. Vocês são o meu bem mais precioso, e não quero ver vocês sendo destruídos de novo por alguém que não sabe dar o devido valor a eles.

Não estou falando de ninguém, estou falando de mim, por tratar vocês tão mal e nunca me importar realmente com vocês. Por sempre negar minha própria natureza e deixar que qualquer um entregue e faça eu me entregar a eles.

Queridos sentimentos, de sua insuportável dona. Eu amo vocês.

💠 MY LITTLE MOONLIGHT 🌙

Hoje eu deixei que minha alma corresse com a luz da lua.

Hoje eu deixei que meu coração descansasse em paz sendo banhado pelo brilho.

Hoje eu deixei a luz entrar dentro de mim, ela já conhecia o caminho que há muito tempo eu não a deixava entrar.

Hoje banhei-me com sua calma e sua afeição, deixei que ela levasse embora a raiva.

Hoje minha mãe chamou, chamou por sua filha para que ela recebesse afeto.

Me senti abraçada por felicidade, me senti livre e leve, me senti amada e acolhida.

NOITE E DIA

Me observei pensando hoje, como o dia poderia ser tão cruel?

Quente e impiedoso, um dia de calor poderia facilmente me queimar viva e transformar minha pele em pó.

Tão cruel e tenebroso, tão assustador e arrogante.

Como ele pode ser tão injusto com aqueles que sofrem?

Minha pele queima, meus olhos ardem, suor escorre, ajude-me!
Diminua meus dias tristes e queime meus machucados!

Ah noite, minha pele chora, sua ternura e seu frio me abraçam como filha, sinto seus braços gélidos e seu coração frio e brilhante!

Abrace-me mãe lua, leve embora consigo, para as estrelas, toda a dor que carrego durante o dia, leve embora todo meu sofrimento, e traga-me as mais belas canções e poesias!

Recitadas sobre sua linda luz prata, oh mãe lua. Amo-te tanto, simplesmente te amo...

MEMÓRIAS DE UM SOLDADO

Como os mesmos pés que vagavam pela terra, eu adentrei aquele campo florido, meu corpo cansado continuou a caminhada pelo campo florido, deixei que meu corpo me levasse, pois não havia mais forças para lutar contra.

Quando avistei ao longe a casa onde eu tive minhas melhores memórias, deixei que minha mente fosse levada com o cheiro da grama molhada e as memórias de uma infância farta.

Algo muito distante, um doce cheiro de vida percorreu sobre meus pensamentos, quando abri meus olhos. O dia estava ensolarado,

porém não daqueles que queimava meu couro, mas sim daqueles que gostava de sentar na grama com minha mãe para um piquenique.

As lembranças daquelas tardes invadiam meus pensamentos, meu corpo se tornou leve e parecia que tudo era uma brisa fresca em meu coração. Meu pequeno sonho começou ali, naquela tarde de primavera.

— Mamãe! Mamãe! Quando eu crescer, eu vou ser um grande soldado mama! Vou proteger você e a nana dos homens maus Mama!

— É mesmo meu amor? Com certeza você será um grande soldado, a mamãe vai ficar muito orgulhosa de você meu pequeno guerreiro!

A memória e as palavras de minha mãe me enchiam de esperanças e sonhos, aquilo parecia uma grande brincadeira de criança, mas a guerra não é uma brincadeira.

Quando me alistei, não sabia que provaria do próprio inferno na terra, a guerra e para os de sangue forte, para os bravos e destemidos. E estar disposto a morrer por quem não se conhece, e viver lutando bravamente sem ter medo de morrer ou se arriscar.

A verdadeira guerra se luta todos os dias, as mortes, os gritos, o desespero no olhar dos inocentes e as balas que perfuraram meus inimigos. Isso sim é a vida real, isso sim a verdadeira guerra, ser um soldado requer muita sanidade e coragem.

E eu não tinha essa coragem, eu perdi a coragem depois da morte da minha mãe e minha irmã. Que tipo de soldado eu seria? Não consegui nem mesmo me proteger. Ferido, cansado, exausto e sobre-carregado.

Meu corpo já não aguentava mais, o sangue escorrendo por entre meu braço e estômago faziam com que eu caísse lentamente sobre a grama.

A essa altura, as memórias com o presente e o passado se misturavam com as da guerra. Os tiros e as risadas de uma doce infância.

Todas elas ali, dentro de um pequeno espaço em minha cabeça, a dor já nem era tão forte e importante assim, a escuridão começou a tomar conta de minha visão.

Tudo se tornou leve e suave, como a brisa daquela tarde de primavera, eu conseguia me ver correndo livremente sobre aqueles campos de verão inundados de coisas boas.

A guerra é para os de sangue forte, a morte e o desespero fazem parte dela agora, os mortos em combate, com a bravura estarão atormentados eternamente sob o choro de milhões de inocentes e guerrilheiros.

A guerra é um lugar para os de sangue forte.

— Ei irmão, o que está dizendo? Venha! Vamos brincar! A mamãe já nos chama para o almoço.

— Eu já estou indo, Nana... Estou indo...

APEGO

Tenho muito apego a você
Está comigo desde sempre, nos meus piores momentos
Você nunca me abandona
Eu tenho muito medo de não te sentir mais
De não conseguir mais te ver
Eu sou tão apegada a você
A você que vai sempre me proteger

Das boas sensações, você me ama tanto assim?
Me protegeu sabendo que iria doer, e olha só!
Não dói mais, porque não sinto mais nada além de vazio
Sim, e você querido e triste vazio
O vazio que me acompanha, a melancólica que me banha
Todas as manhãs você me pede para ficar na cama, mesmo sabendo
que preciso levantar
Preciso reagir e lutar
Mas sou tão apegada a você que ainda te mantenho aqui
O que seria de mim sem você Depressão?

A TRAVA

E como uma barreira, invisível
É assim que as outras pessoas me veem também
Invisível
A trava me impede de fazer contato, mas eu estou sentada abraçada
aos meus joelhos
A brisa de chuva
Os céus negros, o vento não é cortante, é reconfortante

Mas meu corpo treme, o pânico me invade
“O que estou fazendo aqui?”
O pânico me invade, meus músculos tencionam, e eu fujo para mais
dentro
Dentro desse campo invisível

Ele bloqueia minhas emoções e faz o pânico trazer as memórias de
traumas antigos

Tão antigos que nem consigo me lembrar, apenas a sensação me
invade.

Eu preciso destravar, essa trava que me prende.
Me prende a mim mesma, como me sentir viva estando à deriva?

IMENSA TRISTEZA

Há felicidade em minha dor
Seu coro deslumbrante escondendo lágrimas cativantes
A plateia saúda sua cantoria

Sua euforia os anima, e os cativa
Pergunto-me até onde vai seu sofrimento
Ele se torna o entretenimento

Ó voz angelical
Nem mesmo seu choro é mortal
Seu esplendor esconde tanta dor

O que seria de sua ópera sem sua insatisfação.

Eles veem alegria em sua tristeza
Você chama atenção deles assim
Seja triste! Chore! E eles ficarão felizes por sua imensa tristeza.

Faça de tudo pela ópera.

DAYS AGO

há dias que meu canto não pia
há dias que esqueço-me das melodias
há dias que a bebida não melhora a fadiga
há dias que eu gostaria de não ver a luz do dia

há dias que eu gostaria de esquecer que te amei um dia

SENTIMENTOS NÃO SÃO A MINHA PRAIA

Nadando nas ondas da tristeza, o que há de bom em namorar?
Caminhando sobre a praia, haverá sempre o passo mais difícil, superar
Sentindo a brisa marítima, o que leva alguém a se apaixonar?

Ouça o som das ondas, não vejo razão para me enganar
Caminhando sobre a praia, sempre acabará e, depois, o que fará?
A dor, o sofrimento, valeram a pena por amor?

É, talvez amor não seja para mim
Eu prefiro observar, assim como vejo o mar
Me faz sentir feliz

AO MEU MELHOR AMANTE AMIGO

Você nunca vai me amar mesmo, mas você a ama. Se você a ama, estou feliz por você.

Você nunca irá me ver como uma mulher mesmo, eu sou apenas a melhor
amiga que você precisa cuidar, sabe esse senso de responsabilidade?
Eu gostaria que você não tivesse

Porque você nunca vai me amar mesmo, é desse jeito que deve ser, eu escolhi assim, eu não mereço seu amor, depois de tudo que passamos, você merece ser feliz.

Você parece tão feliz quando está com ela, mas está tudo bem, desde que você esteja feliz, eu realmente não me importo de esconder isso de você.

Você sempre soube, não é? Então preferiu ser meu melhor amigo, foi assim que você escondeu também, eu prefiro aqueles que não mentem para mim, eu prefiro aqueles que não me amam.

Eu não preciso retribuir de volta, é tão cansativo sustentar esse

sentimento em segredo, eu realmente espero que meus esforços não sejam em vão.

Mas está tudo bem, porque você sempre será meu melhor amante amigo.

EU QUERIA SER COMO VOCÊ

Ei

Você sabia? Eu queria ser como você.

Bonita, mais velha, fala baixo.

Ei, eu queria ser como você!

Você é mais velha, todos olham pra você, nunca te ouvi dizer um palavrão.

É bem fácil quando não se está pensando em tudo que aconteceu.

Ei, sua mãe deve ser legal, afinal, você é a única filha dela, ela não te culpa pelo fracasso da vida dela ou tem estouros de raiva por causa de noites perdidas.

Ei, eu tenho inveja de você, você é tão legal! Todo mundo olha pra você, todo mundo te ama.

Ei... Eu queria ser como você, talvez ele me quisesse se eu fosse mais...
Feminina

Talvez eles olhassem pra mim se eu tivesse cabelo longo, talvez eles me quisessem se eu fosse mais menina. Mas a realidade, é que eu não sou você. Eu já fui como você... E eu era infeliz, tão infeliz que nem meus olhos eu conseguia encontrar.

Então por favor, apenas me lembre de como eu não quero ser como você.

ME FAÇA ESQUECER

Tenho que esquecer, esquecer meus sentimentos por você. Esquecer a saudade que sinto de você, puxando a fumaça do cigarro. Lembra, eu prometi me proteger de você, mas você é um dos piores piratas, seu amor me vagueia e me deixa embriagada, embriagada por você.

Amor, apenas me faça esquecer que eu preciso de você, eu escrevi tantas coisas sobre nós, mas não existe um nós, não existe mais eu em você, se foi como uma chuva de verão, ainda diz que me ama, mas é um amor pirata, e você sabe que eles são os piores a passar, mas espere amor, ainda vou esquecer você.

Trata-me com frieza, esquece-me por dias, como espera que eu ame você ainda assim? Ficar bravo não vai resolver essa nossa relação, o licor já não sustenta mais, e meus cigarros já acabaram. Amor, apenas por esta noite me faça esquecer que eu preciso de você.

ESCREVENDO PARA MEMÓRIAS PASSADAS

Hoje pensei em como poderíamos ter sido amantes. Gostaria de não pensar tanto nisso. Talvez as coisas fossem tão diferentes da situação atual.

Porém também pensei como o tempo passa rápido quando estamos ocupando nossa mente com o que podíamos fazer, eu sei que você não pensa em mim agora. É sim quando está sozinho, à noite, sem nada para fazer.

Então você se ocupa, se afunda em cansaço e coisas que vão levar horas para serem feitas, apenas para não pensar em mim. Sim, eu também estou fazendo isso.

Mas acho isso covarde, porque você não enfrenta seus medos como um adulto, e sim está apenas se escondendo deles e não resolvendo nada. Então você apenas se ocupa, para manter sua mente longe daquele foco, e está tudo bem. Só não se esqueça pelo que está lutando.

Não se esqueça de descansar sempre à noite, de beber água quando sua garganta não aguentar mais ao falar com todos. Apenas não se esqueça de que você precisa dormir, eu sei como sua mente te atormenta e o vazio nela reina, acredite, rezo todos os dias para que eu esteja ao seu lado no futuro, para que eu possa te abraçar e sentir seu calor em mim.

Eu simplesmente não consigo desejar outra pessoa além de você, mas o que eu estou dizendo... São apenas memórias passadas, que eu não deveria escrever.

A VALSA DAS ESTRELAS

Saturno guardou seus anéis, os deixou
valsando na poeira.

As estrelas dançavam junto ao nosso amor, como dois anjos
bailando nos céus.

As constelações eram a plateia

Rodopios e movimentos rítmicos, a lua e as estrelas são nossos
acompanhantes.

Nossos olhares se encontrando... nada mais importa além
daquele espaço, somos duas estrelas entrando em colapso.

Nossos corpos se atraindo e não se desgrudando, ao ritmo de
explosões do sistema solar.

Nosso amor é como brasa, ele queima e se espalha, eu juro que não quero perder isso, mas uma hora a chama se apaga.

POR QUEM VOCÊ LUTA?

Por quem lutar.

A natureza humana é tão patética, mostram seu pior lado quando estão apaixonados. Fracos, dependentes, são inúteis para qualquer coisa.

Porém também é seu lado mais forte quando estão em perigo constante, por quem lutar quando tudo parece perdido?

A pequena chama de esperança que você agarra com todas as suas forças, e dizer que tudo vai ficar bem contanto que aquela pessoa esteja ao seu lado.

Segurando sua mão, sentindo todas as energias positivas e negativas que você esteja transmitindo, cada obstáculo se torna bem mais fácil quando se está fazendo por algo ou alguém.

Pra alguns são seus sonhos, pra outros suas ambições, a maioria por amor.

Mas, por quem você luta quando tudo parece perdido e sua mão não tem quem segurar? O que te torna diferente do resto dos humanos quando não está lutando pra viver intensamente cada minuto, cada segundo, isso te torna mais humano do que qualquer um já foi.

Viver o agora sem se importar com o passado ou o futuro. Você não se importa, contanto que viva o presente. Você luta pelo presente, luta cada dia cada vez mais, e isso está te cansando aos poucos.

Ninguém, talvez dançar na chuva seja seu presente.

Talvez paz dos pensamentos de sua própria cabeça seja pela qual esteja lutando, e sentir o presente te torna digno de todo o amor do mundo.

Então, por quem você luta?

STORMI O DRAGÃO

“Eu sou o dragão, eu sou a Tempestade. Eu sou a Stormi”.

Há tanto tempo eu venho alimentado essa criatura

Com seu ego enorme que quer tudo para si

Mas ninguém consegue realmente ver como o dragão que eu sou

Essa chama que arde em meu peito, transcende para o resto do corpo

Soltando fumaça pela boca, eu não cuspo fogo

Minha alma exala a pura luxúria

Eu sou meu próprio trono

Eu vou crescendo aos poucos, como uma labareda que se espalha

Eu rastejo mesmo tendo asas

Você não consegue me ver, pois estou na noite amor

Eu ainda serei o dragão um dia

A tempestade está crescendo aqui dentro, eu não solto fogo

Sou um dragão da tempestade, meus raios podem alcançar qualquer um

O céu é meu lugar, porém eu vivo na terra, rastejando até que minhas asas finalmente se abram

“Não há maior temor em ver como os raios atingem o alvo”.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aldeia 38, 40, 41, 44, 47, 48, 49, 50, 51, 68, 69

Amor 33, 55, 61, 64, 65, 66, 74, 77, 81, 83, 84, 85, 86

C

Comunidade 21, 44, 46, 47, 49, 50, 51

E

Escola 16, 34, 47, 48, 49, 69

F

Família 15, 34, 41, 44, 45, 47, 48, 51, 54, 56, 57, 58, 60, 65, 66, 69

M

Mãe 15, 17, 20, 29, 32, 33, 35, 40, 45, 54, 55, 56, 59, 65, 68, 75, 76, 77, 82

Mamãe 19, 28, 33, 35, 77

Mulheres 38, 39, 40, 41, 44, 48, 49, 50, 51, 58, 65, 68, 71

Mundo 2, 39, 41, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 64, 66, 82, 86

V

Vida 15, 19, 26, 30, 38, 39, 40, 45, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 64, 66, 76, 77, 82

SOBRE O ORGANIZADOR E AS ORGANIZADORAS

Joelias Silva Pinto Júnior

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT - Campus Barra do Garças) - Gestor Institucional do Programa Teresa de Benguela (2019 - 2022) e idealizador dos projetos que resultaram nos primeiros livros do Programa. É vice-líder do Grupo de Pesquisa EInova (Empreendedorismo, Inovação e Ecossistemas) do IFMT e pesquisador do IGTI (Inteligência, Gestão e Tecnologias para Inovação) da UFSC. Desenvolve pesquisa, ensino e extensão nas áreas de Computação Aplicada e Educação Empreendedora.

Suety Libia Alves Borges

Professora terapeuta da Liles - Libia Letramentos Sistêmicos -, empresa que atua no mercado destravando a comunicação oral e escrita das pessoas, de forma terapêutica, a partir do conceito Letramento Sistêmico defendido em sua tese de doutorado. É doutora em Letras e Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás (UFG), especialista na área de Estudos do Letramento, no Brasil. Desenvolve palestras, consultorias e assessorias, mentorias, oficinas e atendimentos individuais. É escritora e terapeuta da escrita. Desenvolveu as oficinas de escrita para a elaboração deste livro junto às autoras

Lirian Keli dos Santos

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT - Campus Barra do Garças). Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2007), Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT, 2009), mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT, 2013) e mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG, 2023). Ministra disciplinas de Sociologia, Sociologia da Educação, Educação Profissional e Tecnológica e desenvolve pesquisas com Ações Afirmativas, Educação, Diversidade, Gênero e Relações Étnico Raciais..

Mulheres em versos e prosas: Teresa de Benguela realizando sonhos de escritoras

Este é um livro diferente. Livre. Logo, não se prende tão somente aos padrões de escrita, tampouco aos gêneros textuais. Este livro está a serviço das histórias de vida, da genuína intelectualidade e poesia das autoras que realizam, com esta obra, um antigo sonho nutrido por suas almas: terem, juntas, o seu primeiro livro publicado.

Abra o seu coração, leia com os olhos que enxergam a beleza de se construir mulher, mulher escritora, de se fazer e de se refazer, repleta de força, de amor, de vontades, de sonhos...

Organizadores

RFB Editora
Home Page: www.rfbeditora.com
Email: adm@rfbeditora.com
CNPJ: 39.242.488/0001-07
Av. Governador José Malcher, nº 153, Sala 12,
Nazaré, Belém-PA, CEP 66035065

